

PERNAMBUCO



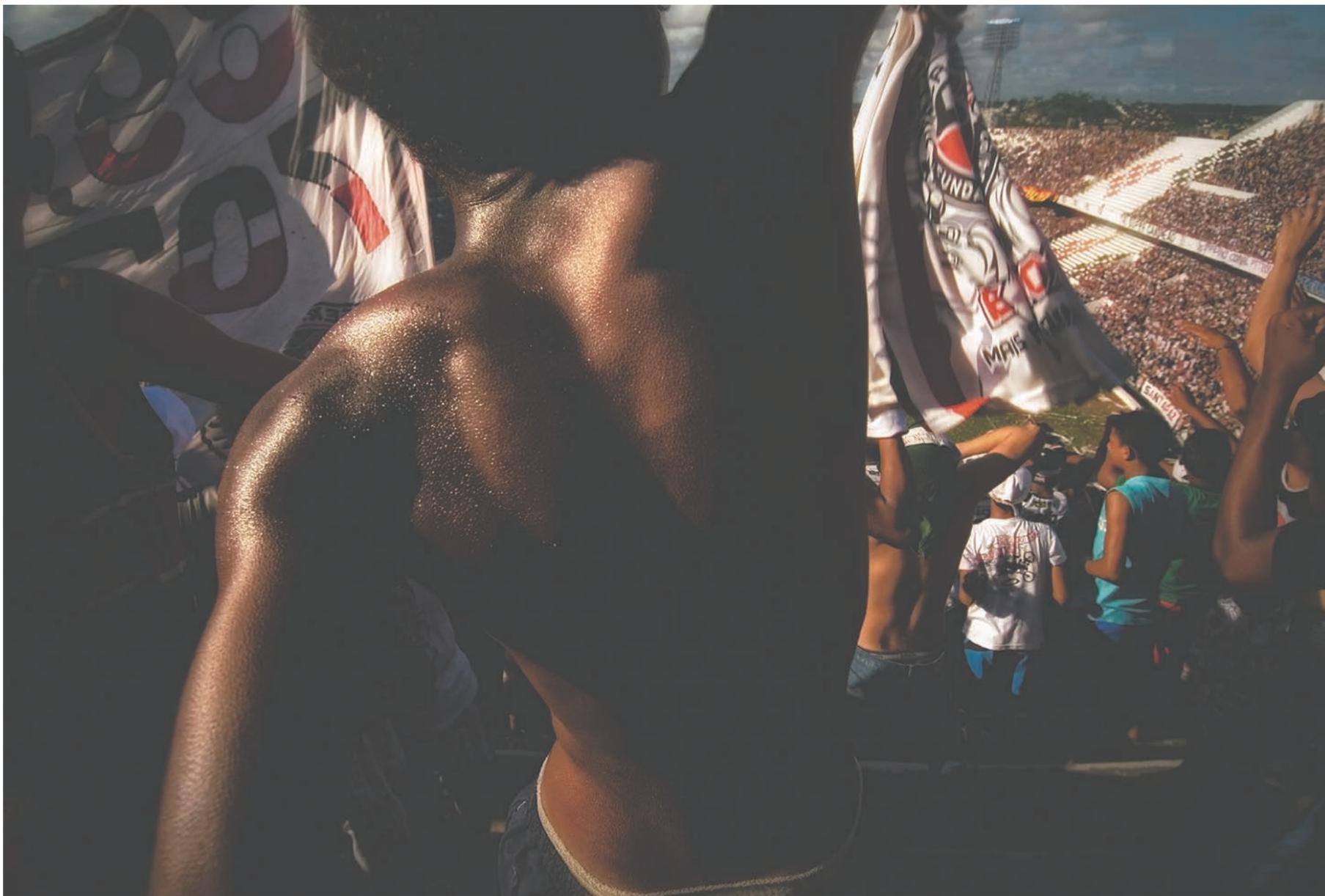
PROCURADO

No Ano Joaquim Nabuco, quais ideias e personas sobreviveram ao tempo?

E MAIS:

**ENTREVISTA COM PLÍNIO MARTINS | SILVIANO SANTIAGO E A AUTOFICÇÃO
FABRÍCIO CARPINEJAR | AS CONFISSÕES DO NOSSO MISSÓLOGO MAIOR**

GALERIA



BETO FIGUEIROA

O nome do ensaio é *Encarnado, negro e branco*. “Essa foto tem o ponto de partida nas cores e por essa porta se entra no imaginário do futebol, fora das quatro linhas. Na hora do clique, o santinha apareceu e completou a cena”, explica o fotógrafo, que mantém o portfólio em www.flickr.com/photos/betofigueiroa

CARTA DO EDITOR

Quando aqui na Redação nos deparamos com o centenário de morte de Joaquim Nabuco, veio a questão: Tratar o tema a partir de onde? Pergunta mais que oportuna, devido à vastidão da obra do abolicionista e do sem-fim de interpretações que ela suscitou ao longo dos anos. A solução começou a surgir a partir da própria função do **Pernambuco** – um suplemento literário, voltado a investigar (sobretudo) o universo da ficção. Então, nada melhor que colocar a tarefa nas mãos da escritora Cláudia Lage, autora do romance *Mundos de Eufrásia*, que ficcionaliza Nabuco.

Pedimos a Cláudia que voltasse no tempo e se desdobrasse para reencontrar como ergueu seu personagem a partir das sombras do homem histórico. “Para uma romancista, o material recolhido, as informações levantadas, os dados e os fatos registrados, os documentos lidos, todo esse material é o início e não o fim do caminho. A pesquisa havia me trazido a personalidade histórica, mas se ao escritor cabe conhecer as personalidades, não lhe cabe conviver muito tempo com elas. Para conviver, o escritor precisa de personagens”, explicou

Cláudia. O nosso dossiê Nabuco se encerra com um ensaio da jornalista e doutora em sociologia pela UFPE Carolina Leão, que lista as ideias do autor que sobreviveram ao tempo. Vale ressaltar também o trabalho do nosso designer e ilustrador Flávio Pessoa, que interpretou visualmente os textos com um Nabuco (quem diria?!), psicodélico.

Um dos temas mais em discussão hoje no mundo das letras é o do papel que o autor/narrador exerce no texto. Aquilo que você está lendo é verdade ou ficção? Ou mesmo: é possível separar uma coisa da outra? Para discutir esse assunto, contamos com um ensaio inédito de um dos maiores nomes da teoria literária brasileira, Silviano Santiago, que em forma de depoimento autobiográfico (algo raro em sua carreira) nos revela quando começou a “mentir”.

Sucesso no mundo virtual, Fabrício Carpinejar explica o porquê da sua fixação pelo universo do Twitter, e a partir deste mês o **Pernambuco** começa a publicar uma série de entrevistas com editores. Para começar, Plínio Martins, da Ateliê Editorial e da Edusp.

É isso, boa leitura e bom 2010.
Os Editores.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:
Mário Hélio (Presidente)
Antônio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Anna Karina, Flávio Pessoa, Flora Pimentel, Gilson Oliveira, Militão Marques, Nélcio Câmara e Vivian Pires

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

Cepe
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

A memória, um trem sem destino certo

Escritor comenta o romance
Jornada com Rupert, que
deve ser o seu último

Salim Miguel

Meu primeiro romance foi o último a ser publicado, exatos 60 anos após ter sido escrito. A versão manuscrita é de 1948, a terceira datilografada é de 1949, todas insatisfatórias. *Jornada com Rupert* é e não é o mesmo livro.

Meu trato com a palavra é um exercício diário ou quase, que vem desde a infância, quando eu já tentava adequar e dar uma certa unidade à narrativa interior ou expressa, procurando recriar os acontecimentos do dia. Tal atitude prenunciava o futuro jornalista e ficcionista. Guardava os rabiscos por algum tempo, relia-os e os rasgava. Essa prática me acompanha até hoje, tanto que, na minha longa trajetória de mais de 70 anos no exercício da escrita, mais rasguei do que publiquei.

Jornada com Rupert é uma das raras exceções, resistiu, me acompanhou em Florianópolis, pelo Rio de Janeiro e novamente Florianópolis. Em 1999, mal saíra meu romance *NUR na escuridão* (a descoberta do Brasil por uma família de imigrantes), eu examinava o exemplar que me chegara, eis que a Eglê entra, põe em cima da mesa um envelope e diz: “Agora resolve o que fazer com o tal de Rupert”. Não resolvi.

Em 2006, eu preparava o livro de contos *O sabor da fome* para a editora Record e sem prévio aviso Rupert irrompe e me questiona: “Eu onde fico?” No decorrer desses anos eu lera um pouco de tudo, muita ficção e sobre ficção e minha concepção do processo de criação literária não era a mesma dos anos 1940, constatara que os temas com que o escritor trabalha são poucos e recorrentes, os mesmos desde o início dos tempos, a humanidade e seu estar no mundo, o que identifica e diferencia um criador é o tratamento que lhes dá.

Reli a versão datilografada, a história em si se mantinha: através de um dia na vida de Rupert é feita a tentativa de recuperação de um século de História, a colonização alemã no Vale do Itajaí, tendo como pano de fundo as transformações que o Brasil e o mundo vão sofrendo. Insatisfatória era a maneira de contar, eu não queria uma narrativa cronológica nem sequencial, mas por meio do fluxo de memória, com seus avanços e recuos, dar uma unidade àquele mundo que em pouco tempo deixara de ser uma colônia agrícola para se constituir num parque industrial. O fio condutor é a saga da família de Rupert, que chega à colônia em 1870.

Durante 10 meses escrevi e re-escrevi em torno de 8 horas por dia. Quando terminei a penúltima versão (a última jamais se conclui), o romance das 230 páginas estava reduzido a 170. Cortei muito das filosofias, das digressões, deixando pontos soltos para serem completados pelo leitor. O primeiro capítulo já tem um pouco de tudo isso: estamos em um trem que não sabemos de onde veio, por onde está passando e para onde vai, um tanto à maneira errática da memória. Se a trama romanesca inicial foi em boa medida preservada,

a estrutura narrativa e o trabalho ficcional sofreram profundas modificações.

Um dos conflitos básicos do romance é o embate entre o pai de Rupert, Herr Hans, nascido no Vale, e Günther, nascido na Alemanha, que chega à região logo após a Guerra 1914-1918; enquanto o primeiro não hesita em aderir ao nazismo, orgulhando-se de possuir um exemplar autografado do *Mein Kampf*, o ex-combatente, que optara pelo Brasil influenciado pela brasileira mãe de Thomas Mann, se dedica a denunciar o perigo que Hitler representava. O entrelaço repercute não só na comunidade mas também nas relações entre Rupert e Ilse, a filha de Günther.

Estabelecido em Blumenau, principal núcleo de colonização do Vale do Itajaí, Günther abre uma relojoaria e um estúdio fotográfico. Gosto de desafiar o leitor, mas parece que dessa vez exagerei, pelo que sei ninguém até hoje falou da alegoria, o relógio marcando o inexorável passar do tempo e a fotografia preservando o hoje para o amanhã.

Trabalho sempre com gente de papel e gente de carne e osso, se bem que não sejam puramente de um jeito ou de outro, mas mesmo assim em geral aceitam o destino que lhes tracei. Neste romance duas personagens se rebelaram: Domingos Baiano, ponte de ligação entre Canudos e o Contestado, que de menino acompanhou Euclides da Cunha e viu o massacre do reduto e, como soldado no batalhão do general Estillac Leal, toma parte com horror na chacina de outros deserdados da terra. Nesse ponto terminava a participação da personagem que, rebelde, se insere à força na fechada Blumenau, casa com uma “alemoa” e cria um quarteto de cordas. O papel de Ilse se limitava a se decidir entre dois namorados, não concordou, tivemos várias discussões e ela acabou no Rio de Janeiro, para ser jornalista e escritora.

Rupert só consegue deixar Blumenau após a morte do pai, isso em 1949, às vésperas do primeiro centenário da colonização. O livro termina em aberto e houve leitores que me perguntaram se eu pensava em uma segunda parte, devido ao inusitado final: “Aqui começa uma outra história, que não contaremos, porque só agora Rupert vai vivê-la”.

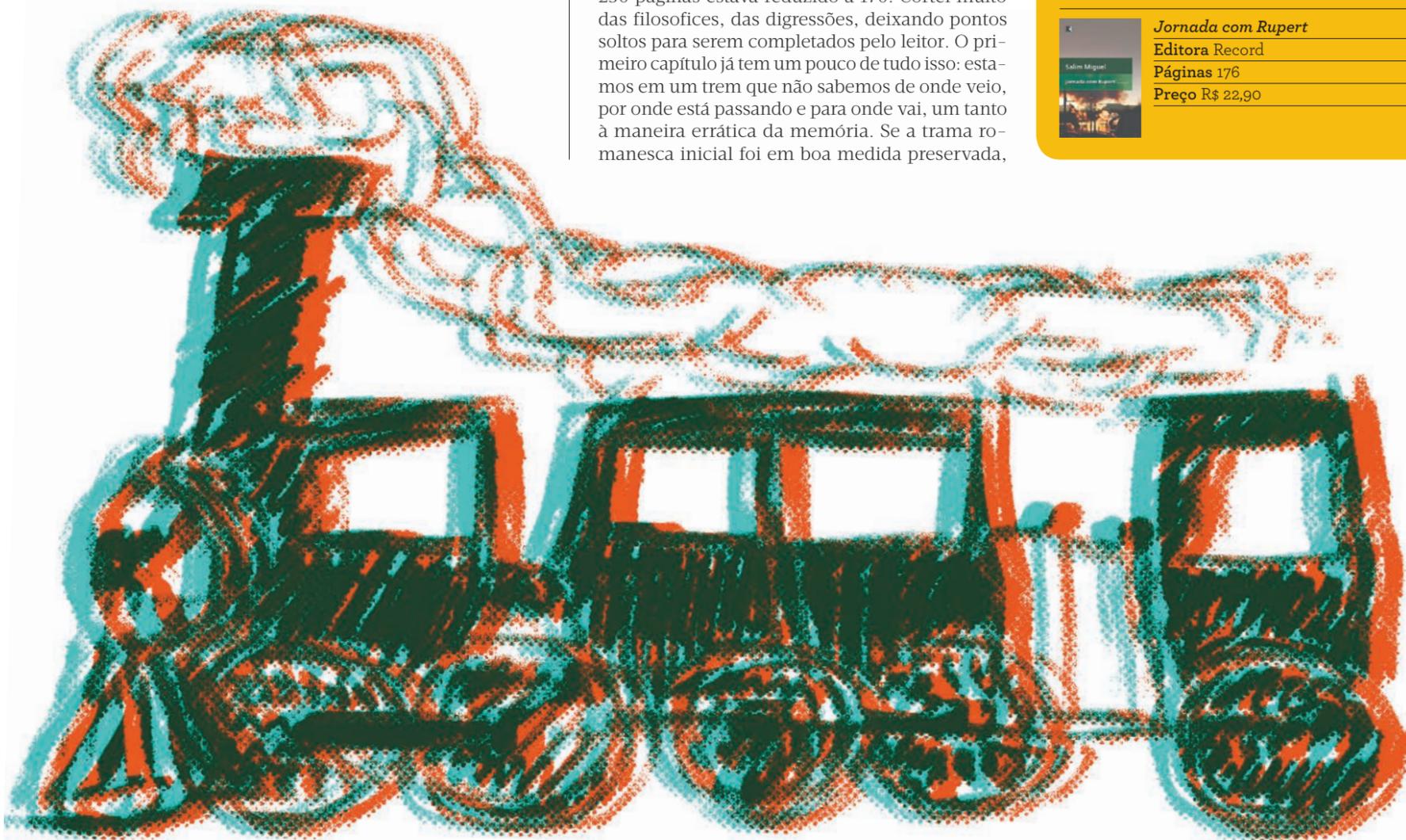
Quando *Jornada com Rupert* saiu pela Editora Record, logo dois amigos escritores me telefonaram, o primeiro para dizer que o livro tinha a minha marca, porém continuava gostando mais de *NUR na escuridão* e o outro exatamente o contrário.

O LIVRO



Jornada com Rupert
 Editora Record
 Páginas 176
 Preço R\$ 22,90

FLÁVIO PESSOA



ARTIGO

Eu comecei a mentir por precaução

Em texto confessional, teórico investiga os caminhos da autoficção

Silviano Santiago



KARINA FREITAS



Em dois dos últimos livros de ficção que publiquei - *O falso mentiroso* (2004) e *Histórias mal contadas* (2005) -, tentei dar corpo textual a quatro questões constitutivas do que tem sido para mim o exercício da literatura do *eu*, ou para usar a nova terminologia, o exercício da autoficção - as questões da experiência, da memória, da sinceridade e da verdade poética.

Se pedisse ajuda a João Cabral de Melo Neto, estas palavras trariam como título e intenção "Meditação sobre o ofício de criar". Ao poeta pernambucano peço de novo ajuda para acrescentar que a meditação "nada tem de pregação e sequer da sugestão de receitas possíveis".

No meu caso, cheguei à autoficção através de um longo processo de *diferenciação*, *preferência* e *contaminação*. Falo primeiro e ao mesmo tempo dos processos de diferenciação e de preferência. Parti da distinção entre discurso confessional e discurso autobiográfico. O discurso propriamente confessional está ausente de meus escritos. Nestes não está em jogo a expressão despuddorada e profunda de sentimentos e emoções secretos, pessoais e íntimos, julgados como os únicos verdadeiros por tantos escritores de índole romântica ou neorromântica.

Já os dados autobiográficos percorrem todos meus escritos e, sem dúvida, alavanca-os, deitando por terra a expressão meramente confessional. Os dados autobiográficos servem, pois, de alicerce na hora de idealizar e compor meus escritos e, eventualmente, podem servir ao leitor para explicá-los. Traduz o contato reflexivo da subjetividade criadora com os fatos da realidade que me condicionam e os da existência que me conformam.

Não nos iludamos, a distinção entre os dois discursos tem, portanto, o efeito de marcar minha familiaridade criativa com o autobiográfico e o consequente rebaixamento do confessional ao grau zero da escrita.

Como tenho me valido do discurso autobiográfico nos meus escritos ficcionais? Para responder à pergunta, passemos ao terceiro processo, o da *contaminação*.

Ao reconhecer e adotar o discurso autobiográfico como força motora da criação literária, coube-me levá-lo a se deixar contaminar pelo conhecimento direto - atento, concentrado e imaginativo - do discurso *ficcional* da tradição ocidental. Com a exclusão da matéria que constitui o meramente confessional, o texto híbrido, constituído pela contaminação do discurso autobiográfico pelo discurso ficcional - e do ficcional pelo autobiográfico -, marca a inserção do tosco e requintado material subjetivo meu na tradição literária ocidental e indicia a relativização por esta de seu anárquico potencial criativo.

Inserir alguma coisa (o discurso autobiográfico) noutra diferente (o discurso ficcional no Ocidente) significa relativizar o poder e os limites de ambas, e significa também admitir outras perspectivas de trabalho para o escritor e oferecer-lhe outras facetas de percepção do objeto literário, que se tornou diferenciado e híbrido.

A distinção entre discurso confessional e discurso autobiográfico ganhou corpo textual em momento antigo no tempo, quando comecei a conjugar minha própria *experiência* infantil de vida com o auxílio dos verbos de minha *memória*. Ou seja, a distinção entre confissão e autobiografia foi feita desde a mais tenra infância e existiu em mim, e desde sempre existe, como força a alavancar a imaginação criadora.

A preferência pelo discurso autobiográfico e a consequente contaminação dele pelo discurso ficcional se tornou prática textual, no momento em que o menino/sujeito teve a imperiosa necessidade de jogar o confessional para o inconsciente e aliar a fala de sua experiência de vida à invenção ficcional. A contaminação do biográfico com o confessional se tornou prática propriamente *literária* num segun-



A verdade não está explícita numa narrativa ficcional, está sempre implícita, recoberta pela capa da mentira, da ficção

uma fala híbrida – autobiográfica e ficcional – ve-rossímil. Era “confessional” e “sincero” sem, na verdade, o ser plenamente. O menino ao confessional já era um falso mentiroso.

Na infância, eu já era *multiplicadoramente* confessional e sincero, era *autoficcionalmente* confessional e sincero. O discurso confessional – que, no meu caso, repito, nunca existiu no domínio público – se articulava e se articulou desde sempre pela multiplicação explosiva dos discursos autobiográficos que faziam pacto com o ficcional. O discurso confessional – que na verdade não o era, era apenas um lugar vazio, desesperador, preenchido por discursos híbridos – só poderia estar plena e virtualmente num feixe discursivo, numa soma *em aberto* de discursos autoficcionais, cujo peso e valor final seriam de responsabilidade do padre-confessor – e, hoje, do meu leitor. Ao padre-confessor ontem e ao leitor hoje passava e passo algumas histórias mal contadas.

As histórias – todas elas, eu diria num acesso de generalização – são mal contadas porque o narrador, independentemente do seu desejo consciente de se expressar dentro dos parâmetros da verdade, acaba por se surpreender a si pelo modo traiçoeiro como conta sua história (ao trair a si, trai a letra da história que deveria estar contando). A verdade não está *explícita* numa narrativa ficcional, está sempre *implícita*, recoberta pela capa da mentira, da ficção. No entanto, é a mentira da ficção, ou a ficção da verdade, que narra poeticamente a verdade ao leitor.

Para terminar, leio parte dum fragmento de “Sem aviso”, texto assinado por Clarice Lispector: “Comecei a mentir por precaução, e ninguém me avisou do perigo de ser precavida, e depois nunca mais a mentira descolou de mim. E tanto menti que comecei a mentir até a minha própria mentira. E isso – já atordoada eu sentia – era dizer a verdade. Até que decaí tanto que a mentira eu a dizia crua, simples, curta: eu dizia a verdade bruta”. Permitam-me a glosa. No confessional, o sujeito começou a mentir por prudência e cautela e, como a realidade ambiente o incitava a ser prudente e cauteloso, continuou a mentir descaradamente. E tanto mentia que já mentia sobre as mentiras que tinha inventado. E a tal ponto mente que a mentira se torna o meu modo mais radical de ser escritor, de dizer a verdade que lhe é própria, de dizer a verdade poética.

do momento, ou seja, quando o adolescente/sujeito revisitava as práticas textuais híbridas da infância para torná-las, através da letra impressa do jornal ou do livro, de domínio público. Ao revisitá-las pelo exercício da memória, o aprendiz de escritor tenta apreender o modo de expressão da infância com o fim de equacionar o desejo de criar narrativas literárias que signifiquem no universo cultural brasileiro. Muita pretensão? Talvez sim, talvez não.

Portanto, vale a pena pagar uma visita ao menino antigo.

Desde criança, por razões de caráter extremamente pessoal e íntimo – refiro-me à morte prematura de minha mãe – não conseguia articular com vistas ao outro o discurso da subjetividade plena, ou seja, o discurso confessional. Não estou querendo dizer que minha personalidade infantil, isto é, meus impulsos vitais e secretos eram-me desconhecidos. Pelo contrário, conhecia-os muito bem. Tão bem os conhecia que sabia de seu alto poder de autodestruição e destruição.

DADOS CAMUFLADOS

Acreditei ter de esconder dos ouvidos alheios a personalidade de menino-suicida e de menino-predador, escondê-la debaixo de discursos inventados (ficcionalis, se me permitem), onde eram criadas subjetividades similares à confessional, passíveis de serem jogadas com certa inocência e, principalmente, sem culpa no comércio dos homens. O menino criava falas autobiográficas que não eram confessionais, embora partissem do *crystal* multifacetado que é o trágico acidente da perda prematura da mãe. Já eram falas ficcionais e, como tal, coexistiam aos montões. Nenhuma das falas era plena e sinceramente confessional, embora estivessem a retirar o poder de fabulação da autobiografia. O dado confessional que poderia chegar à condição plena ficava encoberto, *camu-*

flado, para usar a linguagem da Segunda Grande Guerra, então dominante. Não tinha interesse em escarafunchá-lo. Os *fatos* autobiográficos fabulam, embora nunca queiram aceitar a cobertura da fala confessional, visto que já se deixavam apropriar pelo discurso que vim a conhecer no futuro como ficcional.

Não estou querendo dizer que não vivia a angústia de *não* poder articular em público o dado da subjetividade plena, dita confessional – a morte da mãe. Vivia-o. Onde mais forte se fazia o sentido da angústia e mais necessária sua subtração era à mesa de jantar ou no confessional. Fiquemos com o exemplo religioso.

Meu pai não era católico praticante, mas nos obrigava a ser. Segui o catecismo e fiz primeira comunhão. Ia à missa todos os domingos. Aos sábados, diante do padre-confessor de sotaque germânico, no escurinho protegido pelas grades do pseudoanonimato, tinha de fazer exame de autoconsciência e ser *sincero* ao enumerar e *confessar* os pecados da semana. Costumava trazê-los escritos numa folha de papel. Uma pitada de paranoia, e acrescento que os pecados eram muitos e, perdão pelo trocadilho, inconfessáveis.

Apesar da lista avantajada, não proferia no confessional uma fala sincera, confessional. Mentia ao padre-confessor. Ficcionalizava o sujeito – a mim mesmo – ao narrar os pecados constantes da lista. Inventava para mim e para o padre-confessor outra(s) infância(s) menos pecaminosa(s) e mais ajuizada(s), ou pelo menos onde as atitudes e intenções reprováveis permaneciam camufladas pela fala.

Essas mentiras, ou invenções autobiográficas, ou autoficções, como digo hoje, tinham estatuto de *vivido*, tinham consistência de *experiência*, isso graças ao fato maior que lhes antecedia – a morte prematura da mãe – e garantia a veracidade ou autenticidade. Aos sábados, diante do padre-confessor, assumia

ENTREVISTA

Plínio Martins

Pense muito antes de querer entrar nesse negócio

Com esse número o **Pernambuco** inicia série de entrevistas com editores. Para começar, uma conversa com o responsável pela Ateliê Editorial e Editora da Universidade de São Paulo

AGÊNCIA ESTADO



Entrevista a **Cristhiano Aguiar**

Nas últimas décadas, assistimos a um processo de maturidade e profissionalização do mercado editorial brasileiro. Certamente, duas editoras se tornaram referência neste processo, cada uma em sua área de atuação específica. A primeira é a Edusp (<http://www.edusp.com.br/>), estruturada da forma como a conhecemos no final dos anos 1980 e que se tornou uma das mais importantes editoras universitárias do país. A segunda é a Ateliê Editorial (<http://www.atelie.com.br/>), fundada há pouco mais de uma década. Embora com vocações diferentes, ambas têm em comum catálogos de excelente qualidade, que procuram conciliar a edição de clássicos com a publicação de escritores e pesquisas contemporâneas.

A valorização do livro enquanto objeto, através de projetos gráficos que resgatam uma espécie de sabor “artesanal”, também é uma marca da atividade destas duas editoras. Isto comprova que investir em conteúdo de qualidade, aliado ao prazer do livro transformado em corpo, é uma das melhores maneiras de resistir ao esquecimento cultural.

Tanto a Ateliê Editorial quanto a Edusp têm em comum o nome de Plínio Martins Filho. Há 39 anos trabalhando com livros, ele é fundador e editor da Ateliê Editorial, bem como editor-presidente da Edusp. Professor de editoração da Escola de Comunicação e Artes da USP e doutor em editoração pela mesma instituição, Plínio Martins Filho conversou, por e-mail, com o **Pernambuco** sobre as dificuldades de fazer livros no Brasil, as relações entre o Estado brasileiro e o mercado editorial, a virtualização do livro, entre outros temas.

O senhor dirige duas importantes editoras brasileiras: a Ateliê Editorial e a Edusp. Qual a vocação de uma editora pública? Que papéis ela deve cumprir e de que modo ela se diferencia de editoras privadas?

A vocação de uma editora universitária pública é editar obras que tragam contribuições culturais e científicas, resultados de pesquisas produzidas pela instituição que ela representa, e ao mesmo tempo publicar traduções de livros que tragam contribuição para os estudos universitários.

Enquanto uma editora particular tem como um de seus principais objetivos editar obras que tragam resultados financeiros, na escolha de um livro na editora universitária pública este critério não é levado necessariamente em conta. Numa editora universitária o principal critério deve ser o cultural e não o comercial. Daí que toda editora universitária pública quase sempre é deficitária.

Gostaria que o senhor contasse para os leitores do Pernambuco como surgiu a Ateliê Editorial, bem como um pouco da trajetória da editora nos seus mais de dez anos de existência.

Trabalho com livros há 39 anos. Comecei trabalhando no depósito da editora Perspectiva, que foi a minha escola. Aprendi a gostar de livros com J. Guinsburg e José Mindlin. Vivía falando de livros e muitas pessoas me perguntavam por que eu não criava uma editora. Respondia que sabia quanto custava editar um livro e todas as dificuldades que isso implicava. E eu não tinha nenhum parente rico ou mecenas que financiasse tal empreendimento. Mas um dia, após 25 anos de experiência, li um pequeno livro de um jovem que trabalhava comigo na Edusp (Editora da Universidade de São Paulo), gostei tanto que resolvi começar a Ateliê Editorial com ele. Para isso convidei um

“ Sem dúvida alguma, o catálogo de uma editora é de alguma forma o retrato de seu editor. Tudo que sou devo ao livro.

aluno que havia estudado cinco anos de medicina e resolveu largar tudo e fazer o curso de editoração. Ele topou.

A sede da editora ficava na garagem de sua casa. O livro era *O mistério do leão rampante*, de Rodrigo Lacerda. Com ele veio o primeiro Prêmio Jabuti. O segundo livro, *Resumo do dia*, de Heitor Ferraz, foi finalista do Prêmio Nestlé de Literatura. No quinto livro, uma reedição de *Tropicália: Alegria alegria*, de Celso Favaretto, meu sócio, Afonso, comunicou que a editora não era bem o que ele queria e não teve como convencê-lo a ficar. Os livros que estavam em sua garagem, em São Paulo, foram para a sala de minha casa em São Caetano do Sul. Em conversa com minha mulher, Vera, que havia feito letras e belas-artes e tinha experiência em revisão em agência de publicidade e em editora, ela topou dar continuidade ao projeto. Em conversa com nossos dois filhos, expliquei o que era uma editora e disse-lhes que quem ganha dinheiro com editora são os herdeiros e que se eles topassem eu toparia continuar com ela. Concordaram.

Tomás, o mais velho, fez arquitetura na FAU e Gustavo, que até os quinze anos publicara sete livros, fez jornalismo na ECA, ambos na USP. O Tomás, ao se formar, assumiu a produção e a administração da editora junto com a mãe. O Gustavo acha que a editora é muito devagar para seu ritmo. Hoje faz música e se dedica a sua banda Ecos Falsos.

São 15 anos, quase 500 títulos. São 14 prêmios Jabutis. No catálogo da Ateliê Editorial há de tudo um pouco: poesia, ficção, ensaios, arte, música, artes gráficas etc. Meu papel na editora é escolher, aprovar e orientar os projetos.

Sabemos que o Estado brasileiro é um dos maiores compradores de livros do mundo. Como o senhor vê essa forte presença estatal no mercado editorial do nosso país?

O Estado hoje é o principal comprador de livros no Brasil. Como negócio isto é muito bom, principalmente para as grandes editoras. As pequenas dificilmente conseguem colocar algum título nestas listas. As grandes já produzem visando estas vendas, seguindo regras estabelecidas pelo governo. Isso a longo prazo pode ser ruim, principalmente quando se ideologiza, criando regras do que e como se deve escrever. Corre-se o risco de perder algo importante que é a diversidade. Preferia que o governo em qualquer esfera – municipal, estadual ou federal – investisse mais em educação e campanhas que incentivassem o hábito da leitura e as pessoas tivessem o livre-arbítrio para escolher o que gostariam de ler e não receber um “prato feito” oferecido pelo governo. As editoras universitárias públicas e as pequenas editoras exercem o papel de publicar essa diversidade sem se preocupar tanto com as leis de mercado.

Nos últimos anos, observamos que muitas editoras de pequeno e médio porte são incorporadas por editoras maiores. Às vezes, existem dezenas, ou centenas, de selos, na mão de três ou quatro empresas. Qual a sua avaliação disso?

Isto é um fenômeno mundial. Num primeiro momento, os grandes grupos, ao incorporarem as pequenas e médias editoras, prometem manter a linha editorial e seus editores. Alguns anos depois, os editores são substituídos por economistas e marqueteiros. É a ditadura do mercado. Se vende é bom. Se não vende não se edita. Mais uma vez ressalvo o papel das editoras universitárias que ainda resistem à tentação do mercado, apesar do pouco apoio que recebem das instituições que representam.

Embora produzir livros hoje em dia seja razoavelmente barato e exista uma boa mão de obra disponível, percebo que

editoras públicas e de pequeno e médio porte sofrem com dois problemas: distribuição e pouco espaço na mídia. Como contornar estes problemas?

A distribuição é de fato o principal problema enfrentado pelas editoras. É um problema estrutural. O Brasil hoje tem mais editoras do que livrarias. Como distribuir bem nessas condições? Quanto ao problema de espaço na mídia nem se fala. As pequenas e médias editoras, em sua maioria, não têm sequer um profissional para fazer este trabalho. Por ser um profissional caro, estas editoras preferem aumentar seu catálogo na esperança de que este um dia permita ter esses profissionais em seus quadros. É impossível disputar estes espaços com as grandes editoras.

Creio que uma solução seria ampliar o número de livrarias e que estas fossem tratadas como espaços culturais com algum incentivo para que, de uma hora para outra, onde havia livraria não se abra mais um boteco.

Na Balada Literária (<http://baladaliteraria.zip.net/>) deste ano, alguns convidados das mesas de debate afirmaram, com otimismo, que o Brasil está lendo mais. O senhor concorda?

Apesar das pesquisas serem vagas e pouco confiáveis, há sinais de que estamos lendo mais, sim. Não há um dia em São Paulo que não sejam lançados livros. A Edusp vem promovendo há onze anos a Festa do Livro, uma espécie de antibienal onde a condição para a editora participar é ter um catálogo que interesse ao público da Universidade e o desconto mínimo seja de 50%, que todo editor dá para o distribuidor de livros. Em três dias editoras como a Edusp e a Cosac Naify vendem mais de dez mil exemplares de livros. Em três dias! A cada ano as vendas crescem vinte por cento a mais que do ano anterior. Dá para dizer, pelo menos neste caso, que o número de leitores vem crescendo, sim.

“ Apesar das pesquisas serem vagas, há sinais de que estamos lendo mais, sim. Não há um dia em São Paulo que não sejam lançados livros.

Uma das coleções que mais me chama atenção na Ateliê é formada por livros sobre editoração. Como o senhor vê a formação profissional do editor no Brasil? Publicar livros sobre editoração seria uma extensão da sua prática como docente da área?

Sem dúvida é uma extensão da prática não só como docente mas também como editor. O catálogo de uma editora é de alguma forma o retrato de seu editor. Tudo que sou devo ao livro. Quando comecei a trabalhar em editora não havia livros sobre este tema. A formação era puramente empírica. Havia inclusive uma certa prevenção contra os egressos de cursos que tentavam formar pessoas para esta área. Como editor, procuro me valer do meu catálogo para me fazer ouvir. Raramente o editor coloca por escrito ou dá a conhecer o que pensa sobre o meio do qual ele faz parte. O objetivo dessa coleção é procurar resgatar a arte de fazer livros bem feitos, coisa que a parafernália da informática quase destruiu. Apesar das facilidades que a tecnologia nos oferece hoje, nosso ofício exige reflexão, exige contato permanente com o mundo das ideias e com o mundo da tinta, do papel, da consciência social, da economia etc. Insisto em publicar livros para que este ofício dure por muitos séculos, apesar das ameaças...

Do mesmo jeito que ler meia dúzia de livros sobre medicina ou um sobre engenharia não nos capacita a operar ou construir uma ponte, ter muitas facilidades para editar não pressupõe a existência de melhores escritores ou editores. É preciso ter cultura.

A Ateliê Editorial publica duas revistas literárias: a *Entretanto* e a *Sibila*. Qual a importância das revistas literárias?

O livro por si só tem dificuldade de sobreviver. As revistas literárias são o espaço para sua discussão e difusão. São fundamentais para a vida dos livros e da literatura.

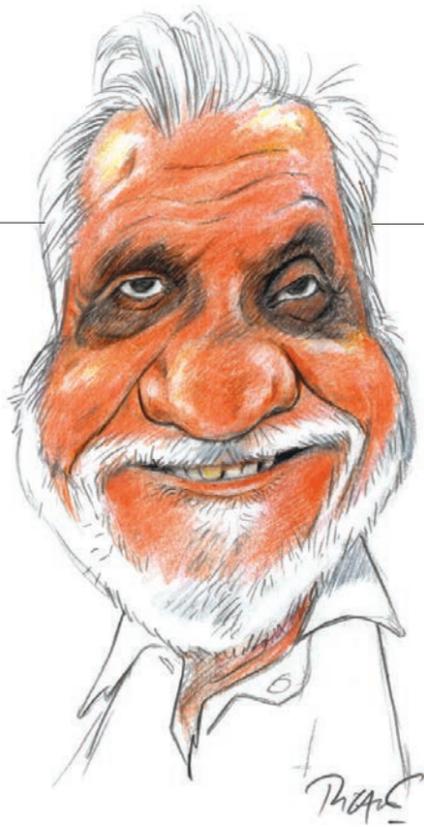
Pena que existam tão poucas e seja tão difícil mantê-las.

Discute-se muito o tema da virtualização do livro. Como o senhor avalia as mudanças na cadeia produtiva do livro relacionadas a este tema? Como a Edusp e a Ateliê Editorial estão lidando com elas?

Vivemos num país no qual ainda não estamos alfabetizados pelos meios tradicionais. Perdemos muito tempo e gastamos muita tinta sobre este tema. O problema central continua sendo a leitura. Se não se inventou algo melhor para se ler do que o nosso bom e velho livro, para mim ficar falando sobre virtualização do texto, sobre e-books, kindle, é uma perda de tempo e, ao mesmo tempo, ficar fazendo propaganda de uma maquininha idiotizante. Sou um homem do livro, livro impresso, e quero continuar sendo. A Internet, a sede da informação imediata e sem reflexão, não me faz falta. Há muitos bons livros a serem lidos e relidos.

Que conselhos daria àqueles que iniciam uma carreira de editoração?

Pense muito antes de entrar neste ramo, que como negócio é o pior do mundo, mas vicia e dá muito prazer. O editor, pessoa responsável pela seleção do que se deve editar, é aquele que graças a seu critério, seus conhecimentos de literatura, do mundo, das pessoas, da vida e dos leitores sabe o que merece ser editado e o que não deve. Nem tudo vale a pena ser editado. Temos que hierarquizar nesse mundo no qual o tempo é cada vez mais escasso. Vale mais a pena se dedicar a algo que seja fruto do talento. Os mais radicais podem dizer que ninguém deve ser árbitro do que se deve publicar. Não se alarmem. Não temam. Bons autores e livros fazem seu caminho. O editor é um filtro que permite que se dê a conhecer aquilo que tem qualidade.



Raimundo CARRERO

A narrativa é construída de cena em cena

O movimento interno do personagem através do texto apaixonava o leitor

Quando me refiro à simplicidade do texto, quero mostrar que o primeiro compromisso do narrador é fazer com que a história chegue aos olhos do leitor comum sem atropelos. Ou seja, mostre-se comum, leve, e as cenas pareçam apenas movimentar a narrativa. Lembrando, mais uma vez, aquilo que repito sempre: a gente escreve como fala. Assim. Exemplo: quando o personagem vai ao cinema, como é que se escreve? “José foi ao cinema”. Quem foi que disse que se escreve: “Naquela noite monótona e silenciosa, o pobre José, cansado da vida, foi ao cinema”. Nunca, jamais. Isso é herança de um tipo de romantismo sem qualquer eficácia. Literatura é simplicidade ainda que cheia de sofisticação. No seu mistério e no seu segredo. E só. Basta. Quando um autor consciente escreve assim, desconfie. Tem coisa.

No entanto, a simplicidade em literatura está cheia de sentidos. Simples não significa simplório, tosco, vulgar, ingênuo. Se você consegue escrever do mesmo jeito que fala, está indo muito bem. A não ser que seja discursivo, retórico, eloquente. Porque também tem gente assim. Aí controle seus vícios. Portanto, no primeiro impulso – ou na primeira redação – escreva com essa simplicidade, se possível seguindo aquela velha cantilena: sujeito, verbo, predicado. Um passo depois do outro. “José foi ao cinema. Chovia.” Observe que o personagem está em cena e que já existe aí uma atmosfera. Está chovendo muito? “Correu, entre o estacionamento e o cinema, para não se molhar”.

Então: “José foi ao cinema. Chovia. Correu entre o estacionamento e a calçada para não se molhar”. É assim? É assim mesmo. Renovando: no princípio, no primeiro impulso, na primeira redação, é sempre assim. “A água escorreu nos cabelos e nos ombros”. Quer um pouco de leveza na frase? Tudo bem. “Apesar disso, a água escorreu nos cabelos e nos ombros”. Ah, não gosta. Então escreva: “A água escorreu nos cabelos e nos ombros, quase pisa numa poça já na calçada”. Já tem calçada. E agora? “Apesar disso, a água escorreu nos cabelos e nos ombros e quase pisa numa poça”. De propósito foi criada uma cena seguinte: “e quase pisa numa poça”. Uma frase que, no entanto, revela a ansiedade de José. Sem esquecer: cena é o resultado de personagem mais ação mais sequência.

É claro que há muitas alternativas melhores, bem melhores. Estamos apenas tentando mostrar uma coisa fundamental: a cena resolve o conflito narrativo com eficiência sem o uso abusivo de palavras soltas, adjetivos e advérbios, por exemplo. O que não significa que deve ser sempre assim. Mas aqui vale o exercício. Pouco a pouco descubra os seus caminhos. Aqui, neste instante, estamos trabalhando com a simplicidade. Muita coisa vai acontecer ainda. O importante é saber que se escreve com simplicidade, sem afetação.

Escreva com objetividade e simplicidade no primeiro impulso para montar o romance, a novela ou o conto

Faça exercícios, sempre e sempre, quando tomar plena consciência do domínio, então procure outros caminhos. O caminho mais próximo é o da descoberta da pulsação narrativa do personagem. Isso é básico. Sem pressa, porém. Conte primeiro a história, linearmente. Depois procure conhecer melhor a intimidade do personagem. Isso lhe oferecerá condições para, com calma, sofisticar a narrativa. Suando. As vezes suando muito. “Na fila da bilheteria encontrou Maria, que lhe estendeu a mão”. No primeiro instante, a frase é assim mesmo. Mas com um pouco de cuidado você entra na pulsação de Maria, que é mais lenta do que a de José, você percebeu, não foi? Faça assim: coloque uma vírgula depois de Maria. A frase apresenta uma leve parada, com a vírgula, e diminui a tensão da cena. Quer ver?

“José foi ao cinema. Chovia. Correu entre o estacionamento e a calçada para não se molhar. Apesar disso, a água escorreu nos cabelos e nos ombros, quase pisa numa poça. Na fila da bilheteria encontrou Maria, que lhe estendeu a mão”.

Observe que a sofisticação vem depois.

É preciso agora trabalhar com mais calma e mais paciência. Vamos experimentar a diferença entre cenas abertas e cenas internas, que parecem a mesma coisa, na primeira leitura, mas que são profundamente diferentes. Tudo isso depende da montagem da história e da pulsação narrativa do personagem. Examinando, mais detidamente, o caso de “O machete”, conto de Machado de Assis, verificamos que a história é contada pelo narrador onisciente, que dá orientação geral à narrativa, impondo o ritmo, com variações conforme a intervenção do narrador onisciente, personagens ilustrativos,

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

VOLTA

Editora Estação Liberdade coloca o Nobel francês André Gide de volta ao mercado editorial brasileiro

A Editora Estação Liberdade está trazendo o escritor francês André Gide (foto), Nobel de Literatura de 1947, de volta ao mercado editorial, com nova edição de dois dos seus romances fundamentais, mais dois inéditos. *Os moedeiros falsos*, considerado sua obra-prima, é uma reflexão sobre a construção do romance. Nela há um escritor que escreve um romance homônimo. Agora é complementado pela primeira vez em português com

Diário dos Moedeiros falsos, em que Gide amplia essa perspectiva em *abyme*, ao comentar a gestação e elaboração do romance. Outra obra importante é *Os porões do Vaticano* em que Gide satiriza os embates da fé. O lançamento conjunto é enriquecido por outro inédito, em caráter mundial: *O pombotorcaz*, recentemente liberado por Catherine Gide, filha do escritor. O livro relata uma experiência homossexual do maduro Gide.

REPRODUÇÃO



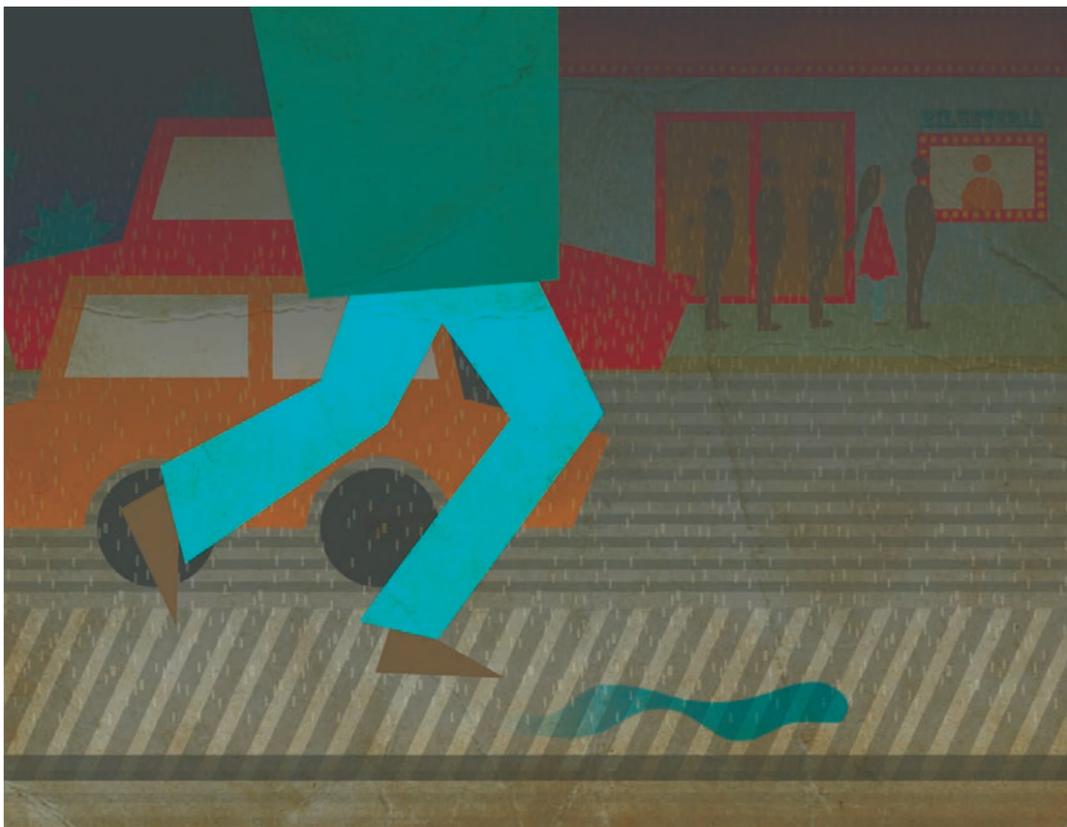
CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



KARINA FREITAS



comentários, diálogos, tudo de acordo com o ponto de vista do personagem.

Percebemos, assim, que o narrador alcançou incrível simplicidade no texto, mas avançou na sofisticação. Quando Machado de Assis escreveu o conto optou por dois pontos de vista em oposição: de Inácio Ramos e de Carlota. Dessa forma é possível perceber que a redação é simples, mas a técnica é sofisticada. A técnica não confunde o leitor comum e o conto é lido como uma história. Na verdade é uma história qualquer, mas a pulsação narrativa mostra-se plena de invenção.

Inácio Ramos é mais interior, introspectivo, conforme a pulsação, a primeira parte do conto é assim; Carlota é mais rápida, mais ágil, superficial, segundo a pulsação dela própria. Esses andamentos dividem o texto em dois momentos essenciais: um noturno, interno, para Inácio, e outro solar, externo, para Carlota. Quando lido, esses dois movimentos se escondem e dão a impressão de um só. Tudo porque a primeira leitura é emocional. Na maioria dos casos interessa o enredo, a sucessão de fatos, o lúdico. Básico.

Dessa forma, podemos observar que a primeira parte é intimista, corresponde ao andamento de Inácio, que é lento, para terminar bem mais rápida, porque corresponde ao começo do andamento de Carlota, representada na cena da execução da elegia da mãe do personagem. Esses

são momentos significativos para o estudo do conto. E, creio, nos coloca de forma definitiva na pulsação narrativa da história.

ANDAMENTO LENTO DE INÁCIO RAMOS

Quem é Inácio? Como ele se comporta? Como age? O narrador do conto deixa que ele se apresente no desenvolvimento da história, na técnica. Não diz, narra. Isso é essencial para a análise da montagem do conto e do personagem, ambas absolutamente integradas. Sabemos, pelo andamento da primeira parte – noturna –, que se trata de uma pessoa metódica, estudiosa, conservadora, simples. Mas quem diz isso? Dizer ninguém diz. No andamento, o narrador mostra. É uma questão de leitura lenta. Aliás, só um lembrete: a primeira leitura já foi feita, ela é emocional, rápida; e a segunda, também, contemplativa, de olhos fechados, de exame interior. Agora a terceira: técnica.

Devemos observar, com lentidão e astúcia, a primeira cena interna, sem nenhuma exuberância exterior:

“Inácio Ramos contava apenas dez anos quando manifestou decidida vocação musical”;

Pronto: o personagem e a história se apresentam.
(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

COLEÇÃO

Todos os encantos de Belo Horizonte em livros

José Eduardo Gonçalves e Sílvia Rubião, através da Conceito Editorial, coordenam a *Coleção BH – A cidade de cada um*, na qual escritores que conhecem locais de Belo Horizonte discorrem sobre eles, fazendo uso de afinidades afetivas, lembranças, casos, enfim um conjunto de narrativas que definem a memória de um lugar. O resultado é um retrato saboroso dos recantos (às vezes desconhecidos) que compõem uma cidade.

POESIA

Novos títulos integram a coleção de poesia *Às de colete*, da Cosac Naify com a 7Letras

Após um bom tempo sem lançar novos títulos, a coleção *Às de colete*, uma parceria das editoras Cosac Naify e 7Letras, especializada em poesia – tanto a consagrada quanto a mais recente, nacional ou internacional –, apresenta ao público, ainda este ano, mais três livros. São eles *Ambiente*, de Walter Gam, *Mapoteca*, de Felipe Nepomuceno, e *Sons: Arranjo: Garganta*, de Ricardo Domeneck. Todos três trazem em

comum o diálogo com outras expressões artísticas. Walter Gam como artista plástico desenvolve trabalhos com vídeo, instalação, desenho, pintura e fotografia; Felipe Nepomuceno, fotógrafo e cineasta, é autor de vários curtas-metragens premiados; Ricardo Domeneck, atua como DJ, produzindo vídeos e realizando performances em festivais pelo mundo inteiro.

CAPA

FLÁVIO PESSOA



Diante da imagem do Joaquim Nabuco que me restou

Escritora refaz o percurso que a levou a fazer um perfil fictício do abolicionista para o romance histórico *Mundos de Eufrásia*

Cláudia Lage

Além da recordação do rosto forte de Joaquim Nabuco, visto em alguma fotografia nos livros de história na escola, e da atuação como célebre abolicionista, eu tinha na memória fragmentos do seu discurso na inauguração da Academia Brasileira de Letras, em 1896. O discurso foi lido em uma aula de literatura brasileira, na faculdade. “Somos uma nação que tem o seu destino, seu caráter distinto”, proclamou Nabuco, “e só pode ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os recursos próprios, só querendo, só aspirando à glória que possa vir do seu gênio”. O curso era sobre a identidade nacional na literatura, tema recorrente ainda hoje na Academia. Mas, no século 19, era o tema que se respirava e vivia nas ruas. A Europa era o espelho no qual o brasileiro se mirava, e a língua portuguesa, a recordação opressora da nossa recente condição de colônia. Uma língua que falava mais do outro, o lusitano, do que de nós, brasileiros. Escritores como José de Alencar e Machado de Assis, poetas como Castro Alves, tentavam, cada um a seu modo, fundar e formar uma literatura, uma linguagem, que fosse o nosso reflexo, que expressasse a alma brasileira. Ao discursar na inauguração da ABL, Joaquim Nabuco exaltava justamente a busca por uma identidade nacional, que ele já vislumbrava como peculiar. Não seria possível escapar da influência que o estrangeiro emanava, nem da que a história do Brasil até então impunha, mas era possível e urgente encontrar uma originalidade, uma faísca própria dentro do caldeirão de diversidades que era, e é mais ainda hoje, o Brasil.

Mais tarde, ao iniciar a escrita do romance *Mundos de Eufrásia*, publicado recentemente pela editora Record, baseado na vida de Eufrásia Teixeira Leite, mulher emancipada na esfera pública e privada, para os padrões do século 19, e, certamente, ainda para os atuais, reencontrei Joaquim Nabuco. Ele e Eufrásia viveram um romance por 15 anos, entre idas e vindas. Um romance que os acompanhou na juventude até o despertar da maturidade. Nabuco viu Eufrásia se tornar a primeira mulher a atuar na bolsa de valores da Europa, tornando-se uma grande financista e empreendedora. Eufrásia viu Nabuco se tornar o político eloquente, o homem idealista que abraçou a causa abolicionista e fez dela a sua vida.

CONSCIÊNCIA ABOLICIONISTA

“Acabar com a escravidão não nos basta”, disse Nabuco em um dos seus discursos. “É preciso destruir a obra da escravidão. Compreende-se que em países velhos, de população excessiva, a miséria acompanhe a civilização como sua sombra, mas em países novos, onde a terra não está senão nominalmente ocupada, não é justo que um sistema de leis concebidas pelo monopólio da escravidão produza a miséria no seio da abundância, a paralisação das forças diante de um mundo novo”. Nabuco tinha a consciência de que o movimento abolicionista não

era projeto para um partido político, mas para a história brasileira. Não visava apenas uma raça, mas um povo. Por isso, a sua desolação depois de 13 de maio de 1888, ao constatar que após abolição nada mais havia sido feito pelos escravos, no sentido de integrá-los à sociedade. Atitude que para Joaquim Nabuco era necessária para se evitar, a longo prazo, o aumento da miséria e da injustiça social. Mas, no dia 14 de maio, a história já virava apressadamente a sua página para a campanha republicana.

A pesquisa me aproximava cada vez mais de um Joaquim Nabuco apaixonado pelos grandes ideais, a filosofia e a literatura. Visionário em relação ao processo histórico de seu país, extremamente lúcido sobre o futuro brasileiro, o Nabuco atuante na esfera pública era um homem de características resolutas e indiscutíveis. No entanto, na ficção, o terreno é sempre mais fértil quando se pode escavá-lo profundamente, e quando a escavação é feita à base de pedra e fogo, sem poupar esforços para trazer à tona a raiz. Raiz criativa, raiz imaginária, mas fundada por toda investigação que a alimentou. Por isso, raiz verossímil. Para uma romancista, o material recolhido, as informações levantadas, os dados e os fatos registrados, os documentos lidos, todo esse material é o início e não o fim do caminho. A pesquisa havia me trazido a personalidade histórica, mas se ao escritor cabe conhecer as personalidades, não lhe cabe conviver muito tempo com elas. Para conviver, o escritor precisa de personagens.

ENTRE O VIVO E O FICTÍCIO

Lembrei da imagem de Nabuco nos livros da escola, e procurei outras imagens dele em outros livros. A respeito da construção de personagens, Antonio Candido dizia que “o romance se baseia num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste”. Assim, depois de percorrer toda biografia e bibliografia de Nabuco e a respeito dele, o encontro mais forte que tivemos foi através de seu retrato.

A foto, de 1876, encontrada em uma iconografia, revela um jovem de ar imponente, cabelos ondulados, bigodes fartos e um olhar direto, que, no entanto, não olhavam o fotógrafo, mas outro horizonte. O que mais chamava a atenção, porém, era a postura. O tronco se direcionava para um lado, a cabeça para outro, um braço repousava no quadril, o outro, esticado ao longo do corpo, segurava um chapéu. A imagem não revelava unidade, nem ponto de equilíbrio. O corpo apontava uma direção, o olhar se virava para o lado oposto. Enquanto um braço aparentava acompanhar o movimento de seguir adiante, o outro parecia que estava farto de tudo e buscava repouso. Na época, Nabuco tinha 27 anos. Era formado em direito, mas desinteressado em seguir o rumo jurídico. Amante da poesia, da

filosofia e da história, dos salões, da boemia e do Velho Mundo. Próximo da política liberal, sob a influência do pai, Nabuco de Araújo, mas hesitante entre a monarquia e a república. Já havia trabalhado como advogado, jornalista, cronista, crítico de teatro e literatura, assumia agora o seu primeiro cargo público, como diplomata. Mas a foto dizia que, apesar do emprego estável, a busca continuava. Nabuco voltava-se para todas as direções, como se quisesse abraçar o mundo de uma só vez. “A criação literária começa com as consequências dos atos, não com os atos em si mesmo”, disse uma vez a escritora americana Katherine Anne Porter, “são nas reverberações que se inicia o trabalho do escritor”. E era desse modo que eu enxergava aquela imagem de Nabuco. Uma reverberação do jovem interessado pela vida em todos os seus aspectos, tão interessado a ponto de multiplicar-se em outros, a ponto de hesitar diante de caminhos estabelecidos, a desejar experimentar todas as direções. Ali estava um vislumbre da personagem, indicado pelo próprio Nabuco. A pessoa, antes, muito antes de tornar-se a personalidade histórica. Ali iniciava a trajetória de um personagem desfeito de certezas, mas repleto de questionamentos.

Não era apenas o Joaquim Nabuco das conferências e dos discursos que eu buscava, mas o Nabuco antes de subir ao palanque e depois de descer dele, o Nabuco jantando com o pai, seu grande ídolo, e a mãe, Ana Benigna. “Devo interessar-me pelos

A pesquisa havia me trazido a personalidade histórica, mas se ao escritor cabe conhecer as personalidades, não lhe cabe conviver muito tempo com elas.

acontecimentos?”, perguntou uma vez a escritora Clarice Lispector, ela mesma respondendo que não se interessava pelos fatos em si, mas pela repercussão dos mesmos nos indivíduos. E era essa repercussão, esse eco de pensamentos e emoções, que eu procurava no menino Nabuco que viu pela primeira vez um jovem escravo fugido e ferido, que presenciou aos oito anos a morte de sua madrinha, por quem foi criado até essa idade; no rapazinho que adorava a agitação da corte na mesma intensidade que adorava a exaltação da poesia; no jovem recém-formado que defendeu no tribunal um escravo que havia assassinado o seu senhor, convencendo a todos que ele havia agido em defesa própria; no jovem que se apaixonou pela bela Eufrásia e com ela viveu uma longa, mas impossível história de amor; no homem que dedicou a sua vida à causa abolicionista, e tantos outros Nabucos.

Nessas repercussões, formadas de pensamentos, sentimentos, palavras e atos, estão as circunstâncias imaginárias que partem da personalidade histórica, da fotografia cristalizada, e que buscam, num esforço incessante, atravessar suas fronteiras, alcançar uma realidade além do documento e da imagem, sem a intenção de definir um retrato, mas de desenhar um espírito, de construir internamente uma trajetória. Como se o modelo saísse da fotografia e ganhasse as ruas, como se a voz dos palanques alcançasse nossos ouvidos.

CAPA

Joaquim Nabuco soube entender o drama nacional

O político abolicionista foi também um dos principais intérpretes do Brasil

Carolina Leão



FLÁVIO PESSOA



Convencionalmente, institui-se, na academia, que, em linhas gerais, as três primeiras décadas do século 20 no Brasil são períodos cruciais para a expansão do “sentimento” de pertencimento a uma nação. Podemos citar como exemplo as várias interpretações do Brasil que surgem nessa época (com intelectuais como Euclides da Cunha, Manuel Bomfim, Silvio Romero, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda – que procuram desvendar, cada um à sua maneira, a ideia de ser brasileiro e o que, afinal, é o Brasil); o modernismo literário, em seu híbrido de vanguarda e tradição; e a política cultural do Estado Novo, que legitimou o samba como símbolo da afetividade nacional estabelecendo através dele a identificação social.

Um outro “marco zero” da interpretação do Brasil, no entanto, encontra-se no prolífico pensamento de Joaquim Nabuco, cujo centenário de morte, a ser comemorado em janeiro, ressuscita problemáticas de sua produção intelectual. Para historiadores como Evaldo Cabral de Mello, que assina o prefácio dos seus diários, publicados em 2005 pela editora Bem-te-vi, Nabuco foi o primeiro intelectual a pensar a formação histórica do Brasil a partir da escravidão. Não na perspectiva culturalista, ou contemporizadora, amplamente difundida na obra de Gilberto Freyre, diga-se. O regime servil é analisado, sem complacência, como uma verdadeira instituição que moldou o *ethos* brasileiro ao definir a nação economicamente, politicamente e organizacionalmente. E como bem observa o historiador, grande parte do pensamento social do Brasil se debruça sobre a herança dessa reflexão.

Vejamos que as características biológicas (raça) e geográficas (clima) perpassam as análises de Euclides da Cunha, considerado como o autor inaugural da interpretação do Brasil. Nele, há, sobretudo, o determinismo biológico como marca da sua análise do homem sertanejo – uma influência das teorias positivistas em destaque naquele momento –, marcado pela fatalidade da região. Em *Bomfim* (1905), tal determinismo ainda

pode ser encontrado, como crítica, no entanto, ao confrontar o atraso latino-americano ao caráter parasitário da metrópole (escravista). Em Gilberto Freyre, observamos um quadro pictórico de referências biológicas e psicológicas que mostra o resultado da povoação do nosso território por europeus contemporizadores que “minimizariam” as características mais cruéis do sistema escravocrata. Sérgio Buarque representa o grande primeiro corte dessa dominante cultural. Ao utilizar a metodologia do Tipo Ideal weberiano, Holanda aplica elementos morais do colonizador português à especificidade das investidas de colonização europeia (francesa, holandesa, espanhola e portuguesa). Utilizando conceitos como o de “cordialidade”, Sérgio Buarque de Holanda, ainda, no entanto, se inscreve no panorama de intelectuais que remetem à dicotomia “colônia x metrópole”, ou seja, à própria história do processo civilizador no Brasil. Podemos também citar, num bloco mais conservador, os estudos de Oliveira Viana e Nina Rodrigues, corroborando a longa tradição de escritos sobre raça, geografia e cultura no Brasil.

INTERESSE ACADÊMICO

Principalmente ao contrário de Freyre, que tem passado por afãs acadêmicos sazonais, Joaquim Nabuco é um dos autores mais estudados nas instituições universitárias, pela ubiqüidade de sua produção. Sobretudo pelo tema da escravidão, sobre a qual discorreu em vários livros e opúsculos, entre eles, *O abolicionismo*, sua obra mais popular. Nabuco, seus pensamentos e obras, constituem, aliás, um objeto de análise ubíquo na sociologia brasileira, pois reúne paradoxos e, digamos, “fetiches” que os sociólogos adoram debater. Um deles, o próprio hibridismo de gêneros com os quais criou e disseminou suas ideias. *O abolicionismo*, inclusive, escrito em Londres num período de ostracismo e exílio político, é uma obra que expõe as bravatas características de todo o panfleto juvenil (embora já conta mais de 30 anos na época de sua publicação). Sua narrativa,



com teor propagandista, é construída emotivamente, pelo enfoque no drama humano da escravidão, como podemos observar em determinado trecho: “Já existe, felizmente, em nosso país, uma consciência nacional – em formação, é certo – que vai introduzindo o elemento da dignidade humana em nossa legislação, e para a qual a escravidão, apesar de hereditária, é uma verdadeira mancha de Caim que o Brasil traz na frente. Essa consciência, que está temperando a nossa alma, e há de por fim humanizá-la, resulta da mistura de duas correntes diversas: o arrependimento dos descendentes de senhores, e a afinidade de sofrimento dos herdeiros de escravos”.

Para algumas correntes, o livreto não passa de uma prosa que combina jornalismo e literatura; sem substancialidade científica ou teórica que tenha aprofundado a relação entre o regime escravocrata e outras características sociais da formação histórica brasileira. No entanto, *O Abolicionismo* goza do status de obra pioneira e, mais que isso, de uma literatura perene, que não se encerra nas doutrinas da moda, como o positivismo, bastante influente e dominante no pensamento social brasileiro. Nabuco foi além da questão da raça para enfatizar o aspecto organizacional da escravidão, em sua relação com a propriedade da terra, o comércio e o Estado, revendo outros modos de exploração que marcaram a História, como a escravidão na Antiguidade Clássica. “A fortuna crítica de Nabuco superou a de seus contemporâneos, como Rui Barbosa e o barão do Rio Branco, o que pode ser atribuído, inclusive, à sua atuação à frente da mais importante reforma sócio-econômica realizada no Brasil, a Abolição, e também ao encanto de uma personalidade que fascinou os contemporâneos e fascina até hoje”, observa Evaldo.

Além dos seus antagonismos pessoais (Nabuco era abolicionista e defensor da monarquia), o intelectual destaca-se, assim como Freyre, pela biografia pessoal singular. Filho de aristocratas de origem baiana, portanto, dono de vastas terras e engenhos, Joaquim Na-

buco viveu a escravidão sob o seu olhar de menino. Foi amamentado por ama de leite, negra, e acompanhado na meninice pela preta Ana Rosa, da qual tinha medo. Nas terras da família, aliás, esboçam-se as primeiras ideias sobre a reforma que deveria resultar numa sociedade mais justa e democrática, seguindo a boa e velha cartilha iluminista. A solidariedade altruísta se reveste de bandeira ideológica em sua campanha pela abolição da escravatura, como reforma modernizadora do Brasil. Joaquim Nabuco anteciparia, dessa forma, o enfrentamento de nossa modernidade: um processo que ocorre na economia a ser modernizada e passa, na cultura, pelo antagonismo entre a influência da Europa “civilizada” e os elementos tradicionais da nacionalidade.

MODERNIZAÇÃO NO BRASIL

A tradição, que nas sociedades pré-modernas conferia ao passado o status de estabilização social pelos símbolos que perpetuavam as experiências das gerações, é aqui assumida de forma diferente da reflexividade europeia. Para Anthony Giddens, a tradição era uma forma de integrar socialmente as comunidades e uma forma de lidar com o espaço-tempo, conectando o passado ao presente e futuro. Era uma monitoração da ação. Na modernidade latino-americana, a tradição desempenha um papel de reconhecimento social: o que somos e, a partir do espelho a nós apresentado pelas instituições políticas, o que faremos com nossa memória cultural. No contexto da modernização brasileira, a tradição surge como plataforma de um discurso político proferido pelo Estado, que se torna brasileiro e nacional ao defender a história seminal do seu povo.

De certo modo, ao estudar, mesmo que no âmbito macroeconômico, os desdobramentos da formação nacional, Joaquim Nabuco também não deixa de antecipar uma outra problemática recorrente ao longo do século 20: a interpretação das classes subalternas pela elite econômica, o que será evidenciado em Gilberto

Freyre, em sua releitura da escravidão a partir da sua perspectiva de classe – que, diga-se, associa-se à decadência da cultura canavieira. Como discurso oficial, essa absorção da realidade cultural das classes subalternas se consolida à medida que uma elite (intelectual ou política) a organiza através da sua própria autorreferência como autoridade e detentora de um poder – seja a verdade em torno do que é afinal a cultura brasileira ou que fazer politicamente com essas manifestações nas quais resiste uma lógica não contrária mas distante da noção de progresso embutida no ideal de modernização. O intelectual forma, assim, o núcleo de onde se sobressai o humanismo racionalizado, e de onde se expõe, para a constatação pública, a memória do País.

Uma das questões mais intrigantes da fortuna de Nabuco é como, apesar de ter sido um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e assinar uma considerável produção literária, a literatura não ganhou reconhecimento nas análises sobre a sua obra. Uma das chaves para esse esquecimento pode ser encontrado na observação de Evaldo Cabral de Mello: “para o intelectual, a ação política é esterelizante. Daí, que nada como um bom ostracismo seja tão produtivo para, como indica o caso de Nabuco, que, marginalizado pela proclamação da República, pôde dispor do lazer suficiente para elaborar a obra cumeira da historiografia do Segundo Reinado, *Um estadista do Império*. O Intelectual que mergulha na vida política costuma ficar sem tempo suficiente e até sem gosto para registrar suas impressões e reações aos acontecimentos que se desenrolam ao seu redor”.

Por outro lado, seus diários, correspondências e escritos avulsos, que contemplam, sobretudo, a questão abolicionista, ganham interpretações à luz de sua atuação como diplomata e jurista. Vale salientar, ainda, que Joaquim Nabuco é um dos últimos bastiões de um campo cultural, marcado pelo imbricamento entre os gêneros literários e jornalísticos e a atividade política.

ARTIGO

De Laura em Laura, a galinha enche o papo

O original de Laura retoma a discussão sobre a quem pertence uma obra póstuma

Fernando Monteiro

No cinema, o título *Laura* é famoso a partir do filme baseado na novela policial de Vera Caspary – que Otto Preminger levou para a tela como uma das primeiras obras do gênero (“noir”) que pertence ao imaginário do século 20 tanto quanto outro nome próprio feminino: “Lolita”. Este se tornou popular, desde um romance que igualmente virou filme e também signo da pedofilia recuperada pela indústria (“que recupera tudo”, segundo G. Deleuze citado por Glauber Rocha, sem aspear).

Nomes, romances, filmes, vendas – estamos, talvez, numa sala de espelhos deformados de alguma maneira. E a confusão dos tempos só aumenta, agora, quando os preguiçosos que forem puxar as “Lauras” literárias, no Google (atenção, estudantes: voltem a LER os próprios livros e não os resumos dos livros na Internet!), encontrarem pelo menos duas delas, com duas *auras* diferentes, como aulas de estilos, faces e épocas diversas: a Laura de Vera Caspary e a não muito “vera” Laura de um mago da literatura que usou tantas máscaras quanto o faraó Tuta no seu sarcófago devassado como uma das câmaras do Big Brother.

O mago, é claro, é o russo *emigré* (ou, ainda, russo-americano-suíço) Vladimir Nabokov, autor da obra-prima *A verdadeira vida de Sebastian Knight*, escritor que o pobre coitado do Sérgio Augusto de Andrade (intelectual que terminou escrevendo o programa dos “Aprendizes” para o zombie Roberto Justus, mercadamente) um dia escreveu – na antiga revista *Bravo* (a boa revista da época do Wagner Carelli, e não essa revista da Abril cruel todos os meses) – ser “um escritor para amadores”...

Que idiotice. Nabokov podia ser tudo, menos um “escritor para amadores” como sentenciou o gordinho SAA, aprendiz de intelectual que deixemos de lado, para voltarmos ao que interessa: o escritor para (rigorosos) profissionais e leitores (encantados) que é Nabokov.

Pois VN está de volta à primeira página dos cadernos culturais, com obra póstuma – *O original de Laura* – porém inacabada e temerariamente publicada pelo espólio. E que “original” é esse?

Bem, o livro já se encontra nas livrarias brasileiras, lançado aqui pela Alfaguara com a rapidez própria das editoras atentas às polêmicas literárias. Acontece que esse “original” é a publicação de um rascunho que o escritor pediu para ser queimado após a sua morte (como todas as outras fichas-cartão que ele utilizava para o esboço de ficções).

Não foi atendido. Pelo menos as 138 fichas do esboço de *O original de Laura* foram ciumentamente (?) preservadas por Vera e Dmitri, respectivamente viúva e filho único de Nabokov, e, assim, a obra que o mago da literatura não tivera tempo de concluir adequadamente (aos menos para os seus rigores de perfeccionista) se transforma, dessa forma, em livro que permite invadir a intimidade criativa de um autor importante, na sua oficina literária no melhor sentido que eu posso encontrar para essa hoje gasta palavra “oficina”.

É verdade que Vladimir também quis queimar o original de *Lolita* – mas isso é outra história. Nessa ocasião, Nabokov estava “vivo- e-bulindo”, e a novela da ninfeta se encontrava terminada, com o ponto final devidamente colocado, pelo autor, naquela sombria investigação da alma solitária de Humbert Humbert, que se parece com todas as almas atormentadas pelo amor (qualquer tipo de amor), talvez como forma de afirmar a vida no lugar da morte – mesmo que essa vida seja torta como o destino que eventualmente se pode dar aos originais de grandes escritores mortos.

Lembro o caso da publicação de *Edgar Allan Poe & the juke-box: Uncollected poems, drafts and fragments*, de Alice Quinn, a respeitada editora de poesia do *New Yorker*. Desde que o livro foi lançado por Farrar, Straus & Giroux, com cerca de 120 trechos de textos não publicados por Elizabeth Bishop, correu solta a discussão entre críticos e admiradores da poeta norte-mericana

FLÁVIO PESSOA/ FOTO.SXC



– que publicou apenas 90 poemas em vida – contra editores defendendo a publicação dos manuscritos e fragmentos (“Representam uma visão importante sobre o processo criativo de Bishop, além de saciar a sede por um pouco mais da sua magra produção”, disse Quinn).

Elizabeth, famosa pelo rigor na composição de poemas – que ela queria não menos que perfeitos, recusando-se a publicá-los antes de dá-los por plenamente acabados – jamais permitiria a publicação de tais rascunhos, conforme enfatizou Helen Vendler: “Se a poeta tivesse sido consultada sobre a publicação, 25 anos após a sua morte, de poemas rejeitados, além de alguns rascunhos e fragmentos, Bishop teria respondido, eu acredito, com um horrorizado não”.

Ainda segundo uma advertência de Vendler, “poetas contemporâneos temam uma Alice Quinn nas suas carreiras póstumas, e queimem todo o seu material ainda sem o acabamento final” – conforme foi a preocupação de Nabokov, ao delegar o ato, confiantemente, para a mulher e o filho. Bem, Vera faleceu em 1991, e Dmitri, tradutor de romances, contos e cartas do pai, decidiu-se pela publicação de inéditos como “O encantador”, um conto (escrito em russo) que Nabokov detestava e julgava ter destruído.

FALÁCIAS DO MERCADO

O que acaba de acontecer com o tal *Original de Laura*, entretanto, é coisa tão mais atrevida quanto mais grave para o artista de origem russa que – a exemplo

da americana Elizabeth Bishop – colocava a auto-exigência nos níveis mais altos possíveis. Dmitri Nabokov desconsiderou isso e também os conselhos de Brian Boyd, aclamado biógrafo do seu pai e franco partidário da destruição das fichas, não só para cumprir com as instruções do escritor como para preservá-lo do olhar do leitor sobre o material nabokoviano não-acabado etc.

Em vão. O espólio (leia-se: Dmitri, atualmente) foi em frente e vendeu os direitos do *Laura* embrionário de um artista que escreveu, na tradução da ópera *Eugene Onegin* (conforme citado por Sérgio Rodrigues): “Um artista deve destruir sem dó seus manuscritos após a publicação, para evitar que eles induzam mediocridades acadêmicas a pensar erroneamente que é possível destrinchar os mistérios do gênio por meio do estudo de versões abortadas. Na arte, a intenção e os planos não são nada; só o resultado conta”.

Do outro lado do balcão, as falácias do mercado editorial ávido por fazer caixa – com *qualquer coisa* – apóiam, é lógico, o rebento recalcitrante (um bom título para o Nabokov que imaginou títulos como “O asfódelo duvidoso” e “Albinos de preto”) e, por fim, em negociações fúnebres com o Mercado que recupera tudo e mais alguma coisa. Alexis Kirschbaum, o editor da Penguin Classic responsável pela manipulação editorial dada às fichas originais do *Laura* de Nabokov, declarou que a atitude de Dmitri “é um reconhecimento do desejo do público em conhecer Vladimir Nabokov por inteiro e de que o material

É verdade que Vladimir também quis queimar o original de Lolita. Nessa ocasião, Nabokov estava “vivo-e-bulindo”.

deixado por um artista mediante sua arte não pertence nem ao próprio artista, nem à família, mas a todos”.

Kirschbaum (poderia ser um cognome de Humbert Humbert) não convenceu muita gente – e pelo menos a revista *New Yorker* recusou publicar fragmentos dessa “Laura” quase tão fantasmagórica quanto aquela do livro/filme de Caspary/Preminger.

Em nossa opinião – e foi o que nos foi pedido aqui – não há a menor justificativa para se dar à luz editorial qualquer obra a que o autor não tenha dado o acabamento final e indiscutível. No caso desse *Laura* apenas esboçado por Nabokov, não adianta dizer que o livro se acha editado “com honestidade, trazendo (na edição de luxo americana) os fac-símiles das fichas cartonadas no topo das páginas acompanhadas das transcrições abaixo” etc etc. Por mais comoventes que essas fichas sejam – com inúmeras correções, marcas de dedos e manchas de comida e outras manchas –, o grande borrão que todas elas representam deveria ter virado as cinzas de “tudo que é para se perder”, fragmentos do fragmento, que são.

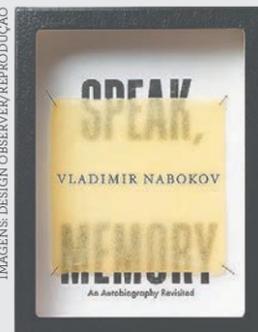
Porque Nabokov trabalhava justamente sobre isso – isto é, sobre alguns nadas – para conferir às confusas partículas da realidade uma coesão artística que só a sua aprovação última, pessoal e final poderia garantir como digna de ir, sombra de uma sombra, duplicar-se no espelho da mente, também confusa, de leitores perdidos entre as dobras daquilo que lêem e vivem, em igual confusão nas margens enfumadas do Real – rio de águas turvas e claras sob manhãs e luas, Lauras e laureis literários que, no final, deveriam restar como silêncio e interrupção de imagens, palavras, metáforas e borboletas colecionadas (“cores que voavam”)...

Vladimir Nabokov *não* está nessa “Laura” senão pela prova da imperfeição – e isso, para um entomólogo amador respeitado, é como deixar um espécime raro identificado com graves erros, numa ficha não queimada.

Novos olhares?
Um tributo visual a Nabokov

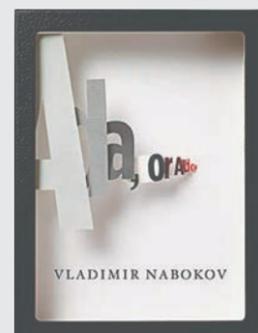
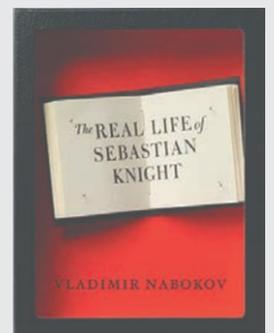
O designer e instrutor da School of Visual Arts John Gall convidou 20 designers de renome para elaborar e disponibilizar, no site *Design Observer* (www.designobserver.com), novas capas para as obras de Nabokov, em comemoração (?) ao lançamento de *Original de Laura*. O mote foi propor capas que se assemelhassem a caixas entomológicas, recipientes que servem para colecionar normalmente insetos. O autor russo era ávido colecionador de borboletas, e a ideia era fazer de cada capa uma dessas caixas, com objetos efêmeros, papéis e pinos metálicos, evocando o tema do texto. Abaixo seguem alguns dos resultados.

IMAGENS: DESIGN OBSERVER/REPRODUÇÃO



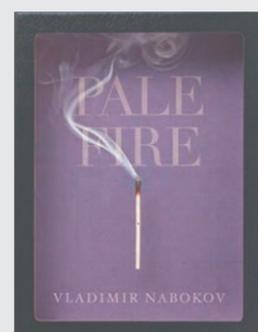
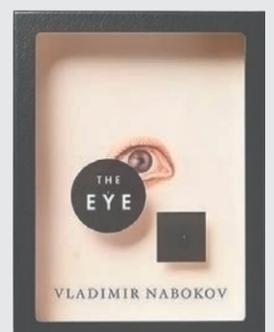
Na outra margem da memória
Michael Bierut

A verdadeira vida de Sebastian Knight
Sam Potts



Ada ou ardor: Uma crônica de família
Chip Kidd

O olho vigilante
John Gall

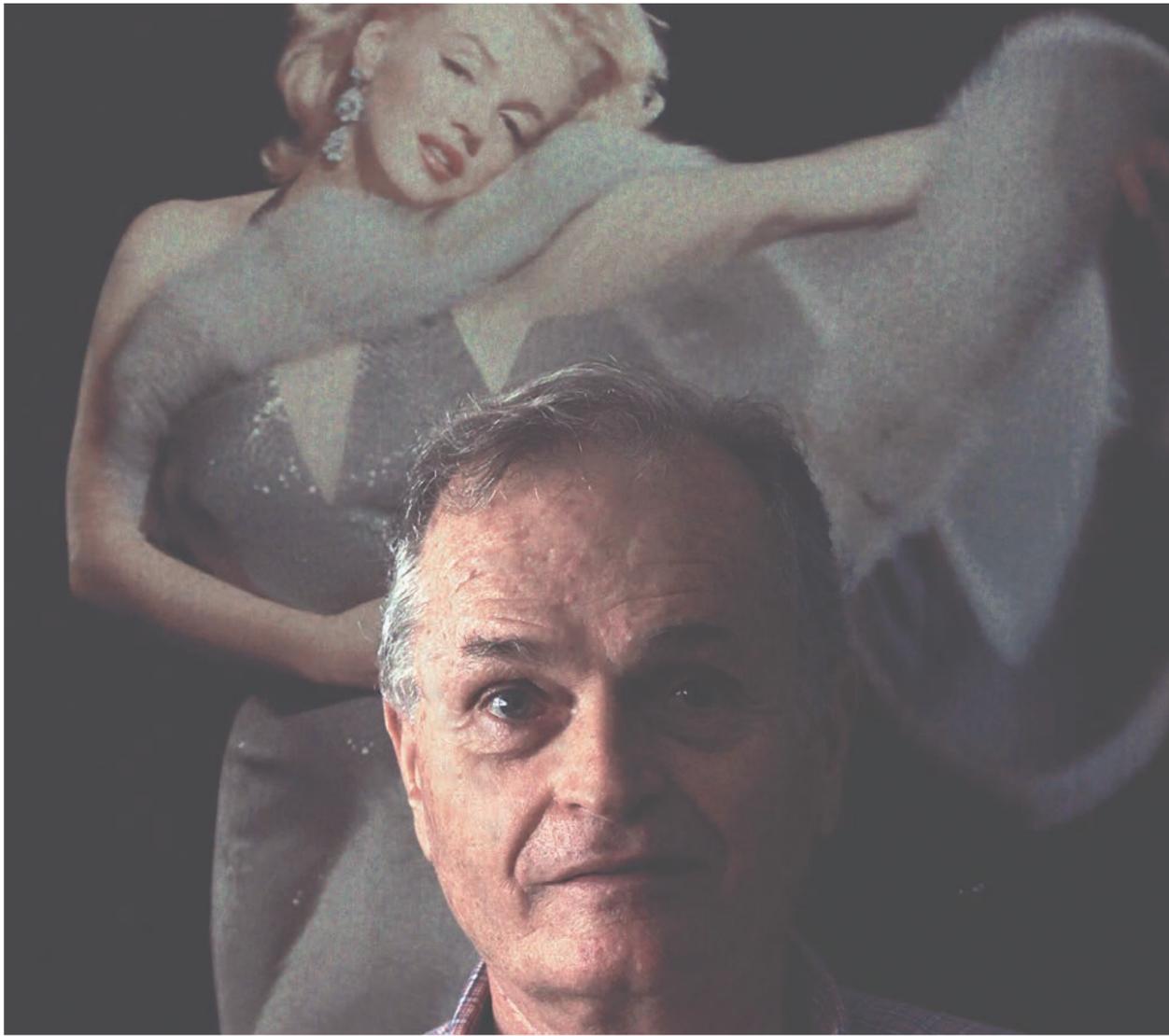


Fogo pálido
Stephen Doyle



PERFIL

DIOGO GUEDES



“Quem me ligou foi a miss Alagoas 1957”

Para o *missólogo* maior, escrever um livro sobre o assunto seria vulgaridade

Diogo Guedes



É no meio dos quadros de sua querida Marilyn Monroe que o jornalista Fernando Machado se sente em casa. Escolhe um sofá ali perto para a entrevista. No centro da sala, uma mesinha lotada de papéis, livros e revistas é um pequeno prenúncio dos outros cômodos, verdadeiros depósitos de anotações à mão, fotocópias, recortes de jornais e fotos.

Explica-se: Fernando é um *missólogo*, um especialista no sofisticado mundo dos concursos de misses. Antes mesmo de começar a discorrer sobre o assunto, ele prefere evidenciar os seus esforços, mostrando as pilhas de dados reunidos em um quarto de serviços.

A coleção, bastante organizada, começa em 1900 e reúne, por exemplo, a revista *Cruzeiro* de 1949, que relata como foi a primeira edição do Miss Brasil – antes, os equivalentes eram os concursos de moda. A curiosidade começou na juventude, na década de 1960, auge dos concursos: “Os desfiles eram um happening, tipo uma partida de futebol. iam 28 mil pessoas para o Maracanzinho ver a final”. Empina o nariz e se vangloria do resultado da investigação metódica: “Tenho aqui a relação de todas as misses”.

Apesar de outras finalidades já terem sido cogitadas, a função dos arquivos é basicamente pessoal: “Eu ia fazer uma obra a partir dessas anotações que eu tenho. Tinha até nome: ‘Nos tempos da passarela’”. Por que o projeto não vingou? “Hoje está todo mundo escrevendo, o livro se tornou uma coisa vulgar”, menospreza.

Durante a conversa, a boa memória vai enumerando misses. Martha Vasconcellos, Ieda Maria Vargas (“minha amiga, converso sempre com ela”), Martha Rocha (“desenvolve um trabalho lindo com sua ONG em Boston”), Sônia Maria Campos, Dione Oliveira, Maria Edilene Torreão. Para cada uma, mostra uma foto do acervo. E vez ou outra tece comentários com acidez: “Esta não era essas coisas todas”, “esta ficou horrível com o tempo”. Às mais próximas, não faz nenhuma ressalva.

O gosto pelo assunto o levou, em 1988 e 1989, a organizar o Miss Pernambuco junto com o colunista social Alex, feito que lembra com orgulho. “Elege-mos a primeira miss negra do Estado, Ana Maria Guimarães”, conta Fernando. Na época, nenhum dos grandes clubes locais quis aceitá-la como sua representante. Quem acabou bancando a candidatura foi o humilde Clube Rodoviário. “Foram dois concursos lindos!”.

Depois, participou das seleções de misses apenas como jurado. No entanto, demonstra menos empolgação com os eventos de hoje em dia. “Os concursos de miss se vulgarizaram muito. Além disso, são sempre as mesmas participantes, cada dia mais feias”, desabafa. “Eu sou da época da *high society*”.

Inesperadamente, antes de ser jornalista, Fernando trabalhou por algum tempo como operário, no Departamento de Estradas de Rodagem. Pretendia enveredar-se pela engenharia, mas acabou se desabrindo mesmo no jornalismo, que cursou na Universidade Católica de Pernambuco. Na instituição, teve como colegas Ricardo Noblat e Orismar Rodrigues, com quem manteve certa amizade.

Em 1971, entrou no *Jornal do Commercio* e, com o tempo, tornou-se o braço direito de Alex, “uma enciclopédia da sociedade pernambucana”. “Sai de lá em 1996, no auge do jornal. Ninguém entendeu o porquê”, relata, antecipando qualquer pergunta:

Fernando Machado tem em casa uma relação de todas as misses que o Brasil já teve. “Os concursos pareciam partida de futebol”

“Quer saber se eu me arrependo? Não. Eu aproveitei e fiquei até 2006 só pesquisando sobre misses”.

Só até 2006, porque foi neste ano que iniciou a sua coluna social online (fernandomachado.blog.br). Começou a pedido de um amigo. “Ele disse: ‘Fernando, você não pode ficar de fora do mundo das colunas. Você escreve muito bem’. Eu expliquei que não sei mexer em computador, mas hoje eu administro o site sozinho”, conta, com sua mescla de modéstia e exibicionismo.

O destaque do site são as diversas seções, que trazem notas comuns e novidades religiosas, consulares e militares, campos menos explorados por outros profissionais. “A parte sobre misses faz muito sucesso. Mas quando eu boto as fotos de homens sem camisa é uma coqueluche!”, revela Fernando.

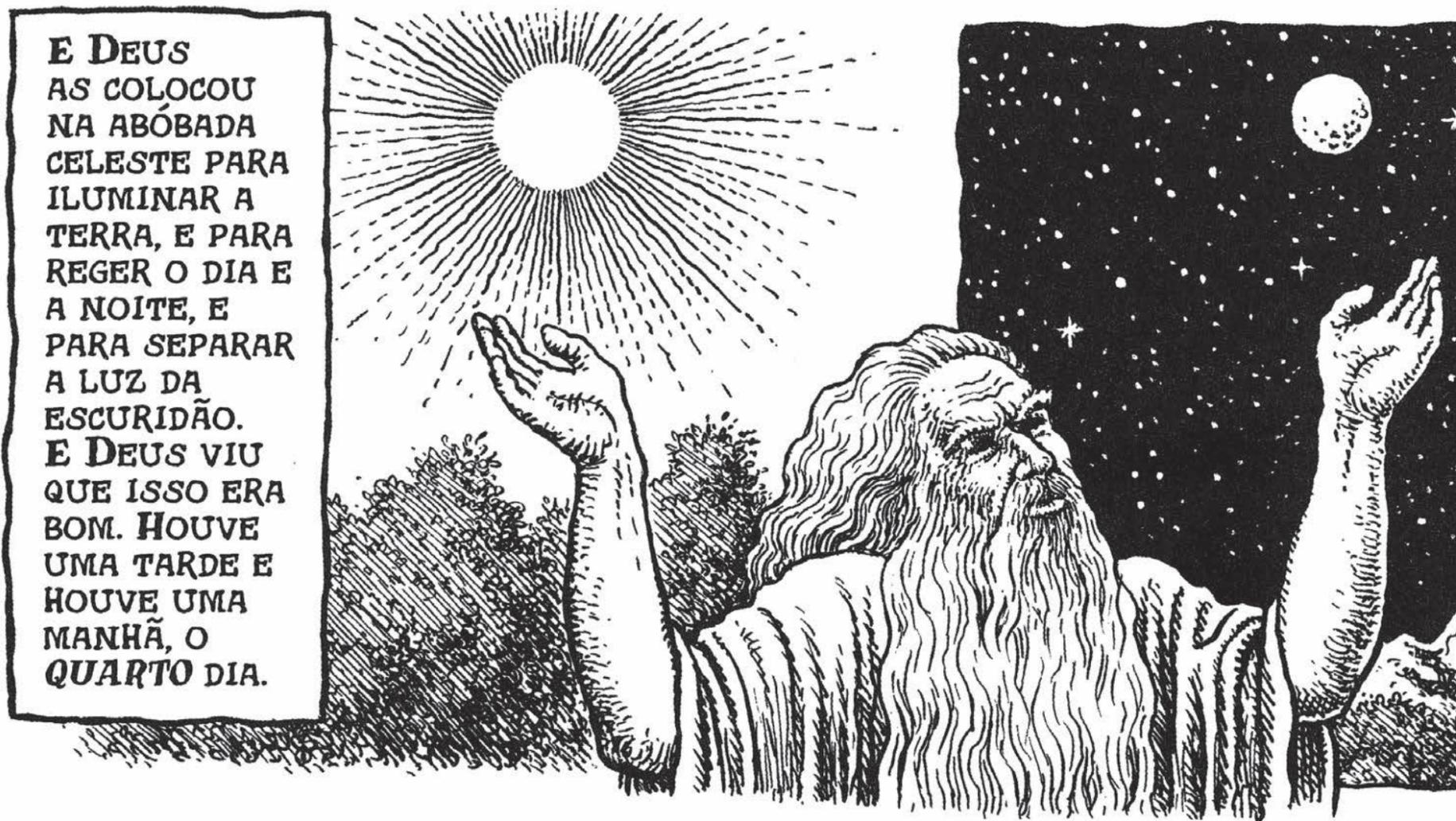
Nas coberturas sociais, uma das principais reclamações do *missólogo* é a queda de qualidade, o que leva as pessoas a enxergarem o cronista como alguém fútil: “Alguns até são, mas não eu. Se tocar uma música erudita em uma festa, eu sei qual é”. Tirando a honrosa exceção de Danuza Leão, não esconde a preferência por colunistas homens: “Nessa área, o homem tem mais frescura que a mulher. Ele descreve todos os detalhes insignificantes”, polemiza.

O blog, assim como o acervo, é a construção de um homem só, que presencia, redige, fotografa, edita e revisa. “Enquanto eu puder fazer colunismo, eu vou fazendo. Não ganho dinheiro com isso, mas, se eu ficar em casa parado, eu entro em depressão”, confessa Fernando. Mas ocupar-se não é a única motivação. O prazer óbvio em ainda ser lido e poder tecer suas cuidadosas observações fica claro em cada pequeno enaltecimento: “As minhas amigas de mais de 50 anos aprenderam informática só para acessar o meu blog”.

Fernando parece sempre estar hesitando entre assumir definitivamente o papel de jurado crítico e discreto e o de uma glamourosa candidata a miss. De fato, ele é uma pessoa simples – um pouco, como afirma, “do tempo em que jornalista não era notícia”. Ao mesmo tempo, não esconde a satisfação em se narrar, com modéstias em suas palavras e elogios nas dos amigos. Talvez se trate apenas de um *missólogo* – em toda possibilidade pitoresca da especialidade – que ainda preza pela sofisticação em um mundo vulgar. Alguém que deixa escapar tal frase numa conversa, como se fosse um comentário sobre o clima: “Ontem quem me ligou foi a Miss Alagoas de 1957, só para conversar”.

QUADRINHOS

DIVULGAÇÃO



Crumb criou o céu, os mares e a Terra

O polêmico quadrinista americano empresta seu traço ao texto do *Gênesis*

Danielle Romani

O norte-americano Robert Crumb é considerado um dos pais da contracultura e um dos mais conceituados artistas mundiais da nona arte, as chamadas histórias em quadrinhos. Personagens como Fritz, the Cat, Mr. Natural, Angelfood e Devil Girl marcaram época e se tornaram sinônimo de crítica à sociedade conservadora e consumista. Criados e amplamente cultuados nos anos 1960 e 1970, auge do movimento *flower-power*, suas “criaturas” exalavam rebeldia, comungavam experiências alucinógenas e pregavam a liberação sexual e a revolução dos costumes.

Mulheres exuberantes e libidinosas eram, quase sempre, personagens centrais das tramas de Crumb, que também contavam com doses maciças de drogas e rock’n’roll. Com seus traços marcados, grotescos, pesados – muitas vezes consequência direta do consumo de alucinógenos – suas histórias se tornaram sinônimo de sexo indiscriminado, orgias, liberdade e irreverência. Totalmente contraindicados para os que amavam o establishment e a religião tradicional.

Causou surpresa, portanto, o anúncio de que o autor – que aos 66 anos continua célebre pelos comentários ácidos e rebeldes – vinha se dedicando à ilustração e adaptação do *Gênesis*, primeiro dos *Livros Sagrados do Antigo Testamento*. A convicção geral era de que o artista, com seu passado gauche e sua temática pouco convencional, certamente criaria uma versão herética do texto bíblico.

Mas não foi o que aconteceu. Para surpresa de quase todos, de seu público em especial, *Gênesis*, álbum de 220 páginas, se atém, palavra por palavra, cena por cena, ao texto, com algumas pequenas modificações de linguagem, motivadas mais pela versão bíblica a que teve acesso e ao uso dos textos originais do *Torá*, livro sagrado judaico.

No prefácio da primeira edição, que teve lançamento mundial, o próprio Crumb – que há mais de uma década se auto exilou na França – alerta aos que esperavam sátiras ou subversão às escrituras. “Reproduzi fielmente cada palavra do texto original, que tirei de várias fontes, incluindo a Bíblia do Rei James, mas sobretudo a recente tradução de Robert Alter do *Pentateuco* (*The five books of Moses*, 2004). Em alguns raros trechos me aventurei em pequenas interpretações próprias, quando considerei que as palavras poderiam ser ditas de maneira mais clara. Mas me abstive de ser indulgente nessa ‘criatividade’”. Pura verdade.

Versículo por versículo, capítulo por capítulo, Crumb faz uma adaptação precisa do primeiro capítulo do

Antigo Testamento, sem em momento algum alterar ou desvirtuar o texto sagrado. O que não significa dizer que a obra deixará de ser polêmica: exatamente por ater-se ao texto, o autor teve material suficiente para recheá-lo com situações reprováveis e cenas sexuais contestáveis, algumas delas totalmente inconcebíveis para um “bom cristão” da atualidade. É o caso do Capítulo 19, em que as duas filhas de Ló, que escaparam com ele de Sodoma e Gomorra, resolvem embriagar o pai para manterem relações sexuais.

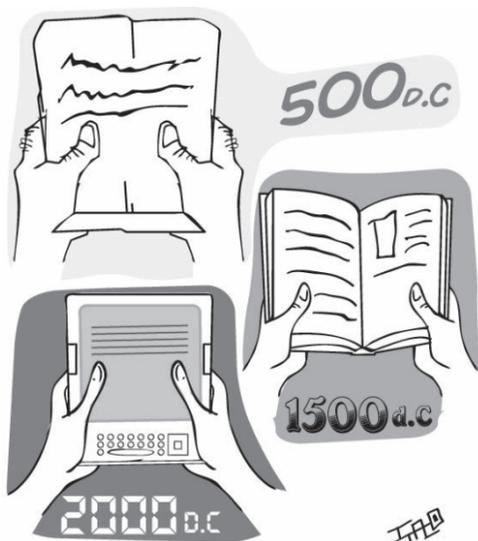
Algumas passagens sobre Abraão e sua mulher Sara também provocam impacto. Por diversas vezes, acossado pelos inimigos, o patriarca de todos os patriarcas, com medo de morrer, disponibiliza a mulher ao inimigo. Justo, Deus castiga e fulmina os que tentam molestar Sara. Jacó, filho de Abraão, que seria conhecido depois como Israel, também apronta das suas, só que com o irmão Esaú. Aproveitando-se da fragilidade do pai, prestes a falecer, e com a ajuda da mãe Rebeca, engana-o para receber a bênção e os favores divinos, que por direito pertenciam ao primogênito. Mesmo errado, se dá bem. Quem quiser conferir, é só procurar na *Bíblia*.

Aclamada como a melhor HQ de 2009, *Gênesis* foi produzida em quatro anos, e mostra, de fato, um autor maduro, no auge da sua forma, com um traço bem mais realista e detalhista do que nas décadas passadas, quando traçava personagens quase caricatos. Cético, apesar de católico de formação, Crumb mostra com crueza as origens da formação da sociedade judaico-cristã. Uma história, diga-se de passagem, que reflete as brigas entre as tribos da época, o desdém à mulher – lembremos que o patriarcado somente há pouco havia sido suplantado pelo patriarcado – e uma fome enorme de poder, em que irmão devora irmão, pai devora filho, na qual se comete incesto, adultério, assassinatos e sacrilégios em nome de Deus. Dura, mas o registro dos primórdios da nossa sociedade.

O LIVRO



Gênesis
Editora Conrad
Páginas 220
Preço R\$ 49,90



INÉDITOS

Thiago Corrêa

SOBRE O AUTOR

Thiago Corrêa é jornalista, escritor e faz parte do grupo literário Vacatussa (www.vacatussa.com)

Cansado com o presente, disse não ao futuro que lhe aparecia no horizonte. Protestou, cruzou os braços, fez cara de brabo, deixou a barba crescer. Interrompeu a construção da ponte que lhe levaria a algum lugar. Sentou na beirada da obra incompleta, com as pernas suspensas no ar do abismo do nada, e esperou a lua nascer. Acreditava que junto com ela, do mar prateado, surgisse outro destino.

Não veio. Na claridade do luar, viu-se como alguém sem futuro. Procurou um no horóscopo, recorreu aos orixás e classificados. Nada. Orgulhoso demais para reaver seu destino, foi condenado a ser uma dessas almas sem esperança, que perderam o bonde da vida e se transformaram em escravos do presente. Estava no corredor da morte, afundado no sofá do tempo, esperando virar passado.

Já entediado, em frente à televisão, decidiu ser um decadente de verdade. Desceu ao boteco da esquina, achando que talvez assim pudesse justificar o peso da sua decisão. Quando lhe questionassem porque desistira da carreira promissora, o bafo

A construção do abismo

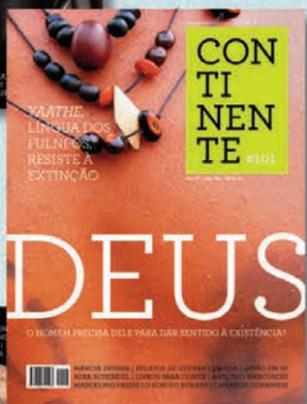
de cachaça seria a resposta mais convincente. Depois da quinta tequila, perguntou a um velho sentado ao balcão o que esperava do futuro.

O sorriso frouxo combinado com o olhar enxaguado da resposta, fizeram ele pedir desculpas. O cheiro azedo da velhice denunciava a falta de tempo para um futuro. O velho disse estar tudo bem e, querendo amenizar o desconforto do bêbado, puxou papo, contando-lhe histórias da juventude. Foi diante das rugas do novo amigo que percebeu seu erro. Olhava para o lado errado.

Puxou na memória alguma coisa relevante para falar ao velho, lembrou da época da faculdade, do colégio, da infância. Falou de cachaças, viagens, mulheres, filmes e livros. Dos últimos três anos, porém, tudo o que encontrou foram duas linhas no currículo. O resto já deveria estar no lixo, aquecendo mendigos ou servindo para limpar janela.

De repente, viu-se na ponte construída com entulhos de segundos e palavras, parado rente ao abismo, encarando seu futuro do pretérito. Deu um passo.

História, ciência e atualidades em bons livros



Assine.
Revista Continente.
Conteúdo é tudo.
0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



DICIONÁRIO COROGRÁFICO, HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DE PERNAMBUCO
Sebastião de Vasconcellos Galvão

Publicados em 1908, 1910, 1922 e 1927, os volumes do *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, de Sebastião de Vasconcellos Galvão, ganharam reedição sob a coordenação de Leonardo Dantas.

RS 150,00



ADMINISTRAÇÃO DA CONQUISTA
José Antônio Gonsalves de Mello

Neste trabalho acerca do Brasil holandês, José Antônio Gonsalves de Mello supera seu poder de síntese e de historiógrafo, fazendo um esboço da organização das terras conquistadas pela Companhia das Índias Ocidentais.

RS 25,00



A ECONOMIA AÇUCAREIRA
José Antônio Gonsalves de Mello

O livro aborda a produção açucareira de Pernambuco – base do sistema econômico no Brasil holandês –, cujos 149 engenhos vieram a atingir, em 1641, a produção de 447.562 arrobas, e discute o engenho como comunidade autônoma.

RS 25,00



HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO
Diogo Lopes Santiago

É um testemunho pessoal de Diogo Lopes Santiago, que residia em Pernambuco à época da invasão holandesa e ao início da Insurreição Pernambucana, em crônicas e diários, resultando numa narrativa minuciosa.

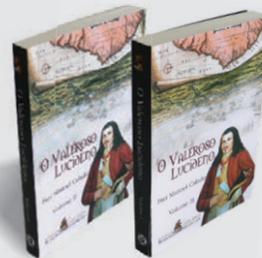
RS 40,00



DIÁRIO DE UM SOLDADO
Ambrósio Richshoffer
OLINDA CONQUISTADA
Pe. João Baers

Coletânea sobre o período do Brasil holandês, apresenta as obras de Ambrósio Richshoffer e do Pe. João Baers. Duas visões de um mesmo momento histórico, descrevendo o dia a dia do domínio holandês no Brasil.

RS 30,00



O VALEROSO LUCIDENO
Frei Manoel Calado

Os dois volumes englobam uma extensa bibliografia sobre o Brasil holandês, e contêm o testemunho do frei Manoel Calado do Salvador, um contemporâneo e participante da ocupação holandesa no Nordeste.

RS 25,00 (unid.)



O CASO EU CONTO COMO O CASO FOI
Paulo Cavalcanti

Composta por quatro volumes, a obra, que tem como subtítulo geral *Memórias Políticas*, narra as experiências de Paulo Cavalcanti dentro do contexto sociopolítico que vai da Coluna Prestes ao fim da ditadura.

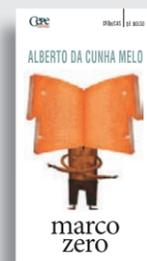
Caixa com 4 livros – RS 120,00



DOM HELDER – CIRCULARES CONCILIARES E CIRCULARES INTERCONCILIARES
Luís Carlos Luz Marques e Zildo Rocha (Org.)

Em cerca de 600 cartas, Dom Helder Camara expõe suas ideias e relata sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano II, que levou a Igreja latino-americana a assumir a opção pelos pobres e a tomar partido pela justiça social.

Caixa com 6 livros – RS 160,00



MARCO ZERO
Alberto da Cunha Melo

O jornalista e poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo assinou a coluna Marco Zero, na revista Continente, sobre questões culturais. Este livro é uma coletânea de seus melhores momentos.

RS 24,00

LANÇAMENTOS RECENTES



EÇA DE QUEIROZ – AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz, agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.



O GIRASSOL
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem “a imagística sem parentesco, o descritivo mas penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas”.



A NOITE SEM SOL
Luiz Arraes

Em seu novo livro de narrativas, Luiz Arraes fala de seres urbanos solitários, às vezes com a violência e o sentimento de perda, e, também, em busca de um sentido para suas vidas. São contos curtos, duros e afiados, que deixam marcas na consciência do leitor.

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO 0800 081 1201 livros@cepe.com.br

RESENHAS

BEL PEDROSA/DIVULGAÇÃO



Nunca subestime o potencial de uma lembrança

O escritor moçambicano Mia Couto desvenda o peso dos fantasmas entre pai e filho

Guilherme Carréra

O passado é um fantasma. No caso de *Antes de nascer o mundo*, é mais do que isso. É o guia dos personagens, o que faz a engrenagem funcionar. No livro do escritor moçambicano Mia Couto, todos são afetados pelo que já se viveu de alguma maneira. Uns sentindo-se transtornados pela impossibilidade do regresso; outros, querendo anular o vivido.

Assombrado pela morte da esposa, Silvestre Vitalício, um patriarca misógino, carrega os dois filhos para uma terra distante, alheia ao mundo em que, dias antes, os três habitavam. O lugarejo, dissociado de qualquer memória que o trio pudesse vir a ter, recebe o batismo de Jerusalém. E também aos herdeiros Silvestre dá novas graças. Embora seja ele quem dite as viradas na trama, o olhar narrativo em primeira

pessoa é o de Mwanito, o filho caçula.

Sem passar incólume pela loucura paterna, o menino logo nos explica o que sabe de seu novo universo: “Meu velho, Silvestre Vitalício, nos explicara que o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já se haviam extinto”. Mas seria mesmo a insanidade o fator preponderante nas ações desse pai autoritário ou seu desfocamento diante do mundo teria outras razões?

Mia Couto, a partir dessa pretensa loucura, descortina uma história de impossibilidades. Silvestre quer esquecer e, por isso, adentra as estradas africanas, em uma fuga desatinada. Fuga essa, no entanto, que falha. Ora, de quem ele foge? No intuito de se desvencilhar da vida pregressa, o personagem

só não imaginava tropeçar na mais simples das questões: não há como apagar as marcas do passado.

O pequeno Mwanito, entretanto, traça rota oposta à do pai: quer suas memórias frente a frente consigo mesmo. Tem direito a elas.

O abismo de lembranças do filho caçula é pautado pela ausência materna. Quando Dordalma morreu, Mwanito tinha não mais que três anos. Desse tempo, só consegue lembrar-se da voz da mãe. Ao perguntar ao pai se o mesmo não tem memória de Dordalma, ouve: “Nem dela, nem da casa, nem de nada. Já não me lembro de nada”. É fato que a busca por explicações sobre a morte de Dordalma vai determinar todo o desenvolvimento da narrativa.

Dividido em três livros (*A humanidade, A visita e*

Revelações e regressos), *Antes de nascer o mundo* possui a prosa da sensibilidade e sua literatura consegue ter também a força de uma obra marcada pelo poético. Entre o onírico e o real, Mia Couto investiga este fantasma chamado passado, com belas passagens sobre do que é feita a memória e do que ela é capaz.



ROMANCE

Antes de nascer o mundo

Autor: Mia Couto

Editora: Companhia das Letras

Páginas: 277

Preço: R\$ 42

LANÇAMENTO 1

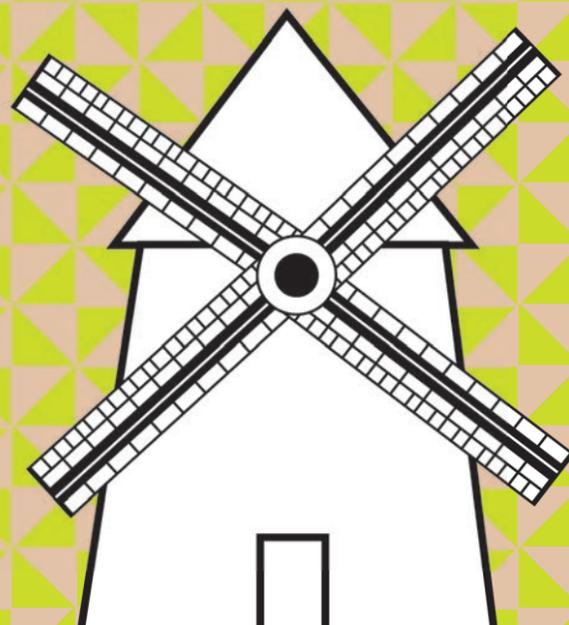
Editora Moinhos de Vento chega para dar espaço a autores estreados e para reeditar clássicos

O mercado editorial de Pernambuco começa o ano de 2010 com uma novidade: o lançamento, ainda em janeiro, do selo Moinhos de Vento, que chega para dar voz a jovens autores sem apelo midiático. Outro objetivo da nova editora, que é totalmente independente, é resgatar autores do passado, que não têm o merecido reconhecimento. O editor da

revista *Crispim* e professor universitário Fábio Andrade e a escritora e artista plástica Júlia Larré são os responsáveis pelo empreendimento. A proposta é editar livros artesanais, principalmente de poesia e pequenos contos, em tiragens de cerca de 50 exemplares, com até 20 páginas, que serão vendidos em livrarias e sebos a preços acessíveis.

FARINA FREITAS

NOTAS
DE RODAPÉ



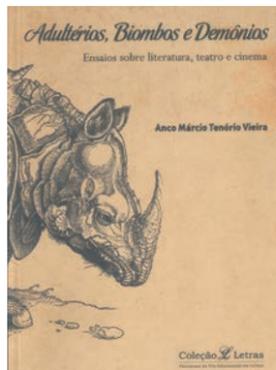
REPRODUÇÃO



Ensaaios literários

Você sabe o que é “adultério, biombos e demônios”? Assim mesmo, tudo junto, de uma vez só? Misturado? Sabe não? Pois Anco Márcio Tenório Vieira sabe, e muito bem, tanto que colocou essas palavras como título da sua nova obra. Competente e rigoroso, o professor do Departamento de Letras da UFPE acaba de publicar livro em que aborda todos esses temas, com o subtítulo: *Ensaaios sobre literatura, teatro e cinema*, assuntos em que é especialista. É claro que todos nós conhecemos esse universo, mas não com a profundidade com que ele trabalha. Assim, o leitor vai do teatro de Clarice Lispector (foto), tão pouco falado, até ao agressivo texto de Afonso Arinos de Melo Franco comentando *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, passando por importantes autores pernambucanos.

No livro aparece ainda um ensaio que Anco escreveu para este **Pernambuco** a respeito de documentários, enfocando *Cartola*, de Lírio Ferreira e Hilton Lacerda. Sem esquecer os nossos Carlos Borromeu e Marcus Accioly. **(Raimundo Carrero)**



ENSAIOS

Adultérios, biombos e demônios
Autor: Anco Márcio Tenório Vieira
Editora: Bagaço
Páginas: 191
Preço: R\$ 30

REPRODUÇÃO



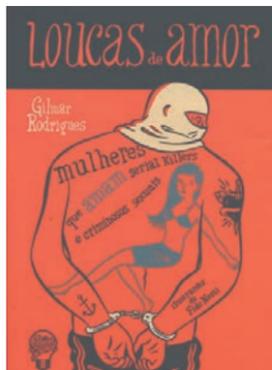
Mulheres apaixonadas

Depois de preso, o Maníaco do Parque não parou de receber cartas de amor. O Bandido da Luz Vermelha, mesmo idoso, ainda despertava paixões e fantasias nas mulheres. Curioso com esses fatos, Gilmar Rodrigues foi tentar entender o motivo de tamanha popularidade de serial killers e criminosos sexuais.

Para *Loucas de amor*, o jornalista fez uma extensa pesquisa. Visitou presídios, frequentou filas de visitas, leu correspondências e procurou especialistas no assunto. O material coletado inclui pequenos perfis das “amásias”, como são chamadas as namoradas de criminosos, de quem saem os melhores relatos sobre esse estranho amor, como: “Aqui dentro eles nos tratam que nem rainha”.

Esse contato direto com as personagens é o que deixa a obra envolvente,

apesar de nem sempre ser utilizado. O destaque é a parceria em quadrinhos com Fido Nesti, quando a experiência pessoal do repórter é sentida perfeitamente, lembrando as narrativas jornalísticas de Joe Sacco. **(Diogo Guedes)**



QUADRINHOS

Loucas de amor
Autor: Gilmar Rodrigues
Editora: Ideias a granel
Páginas: 160
Preço: R\$ 32

PRATELEIRA

MAQUIAVEL – POLÍTICA E RETÓRICA

O autor analisa as condições para o exercício e manutenção do poder político, na perspectiva do historiador, poeta, diplomata e músico italiano Nicolau Maquiavel. Considerado o pai da política moderna, Maquiavel pregava que era impossível dispensar o uso da força para se conseguir instituir um Estado, e que para se conservar no poder o homem precisa ser capaz de articular todo um jogo de aparências e manipulação. O ísis da questão, para o autor, é constituir o espaço em que o governante possa exercer a sua ação política.

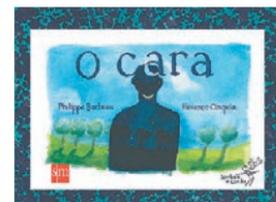


Autor: Helton Adverse
Editora: UFMG
Páginas: 375
Preço: R\$ 49

O CARA

Ainda no rastro das comemorações do Ano da França no Brasil, a editora SM abriu espaço para a literatura infantil e juvenil francesa. A história, que integra a coleção Comboio de Corda, tem a forma de um diário manuscrito, em páginas quadriculadas, repletas de ilustrações, e mostra que reagir com violência não é a melhor resposta para os problemas, e que é possível superar o ódio exercitando a tolerância. A ilustradora é a francesa Fabienne Cinquin, que mistura aquarelas e colagens em cores fortes, que se confundem com

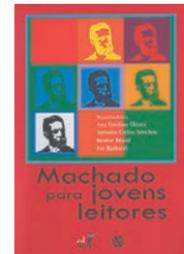
o texto. A tradução é de Marcos Bagno.



Autor: Philippe Barbeau
Editora: Edições SM
Páginas: 48
Preço: R\$ 30

MACHADO PARA JOVENS LEITORES

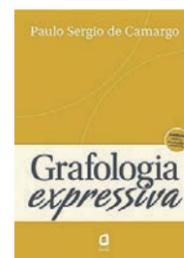
Quatro professores de literatura organizaram a antologia, com o objetivo de estimular jovens leitores a se aproximarem da literatura do bruxo do Cosme Velho. São textos representativos das diversas fases e de todos os gêneros visitados pelo autor, incluindo poesias, contos, crônicas, correspondência, peças teatrais e até um trecho do discurso de inauguração da Academia Brasileira de Letras.



Autor: Miguel Souza Tavares
Organizadores: Ana Cristina Chiara, Antônio Carlos Secchin, Denise Brasil e Ivo Barbieri
Editora: EdUERJ
Páginas: 184
Preço: R\$ 35

GRAFOLOGIA EXPRESSIVA

O autor descreve as origens da grafologia, revela o surgimento de novos estudos e indica os caminhos para se traçar um perfil psicológico com base na maneira de escrever. Em segunda edição – revista, atualizada e ampliada –, a obra traz novas terminologias das escolas italiana e francesa, e oferece um panorama da ciência. O autor analisou quinze mil textos em suas pesquisas e selecionou mais de duzentos exemplos das novas considerações da grafologia, técnica que ganha força entre os adeptos do auto-conhecimento.



Autor: Paulo Sérgio de Camargo
Editora: Ágora
Páginas: 320
Preço: R\$ 73

LANÇAMENTO 2

Lançamento coletivo é a proposta da nova editora

Moinhos de Vento estreia com o lançamento de três livros. Dois deles fazem parte da série Catavento: *Poeira de Chipre*, com poemas de Felipe Aguiar, e *Arete*, um breve conto de Cristhiano Aguiar. O terceiro livro é *Noite de véspera*, com poemas de Júlia Larré. Para Abril está programado o lançamento da coleção Flores do Mal, que resgata a obra de Agripino da Silva, poeta simbolista recifense do início do século 20.

CONCURSO

Estudantes reinventam obra de escritor baiano

Reinventar Jorge Amado é desafio para jovens da 8ª e 9ª séries, lançado pelo Ministério da Cultura, Companhia das Letras e Volkswagen do Brasil. Os alunos podem inscrever vídeo, ilustração, conto ou crônica, sobre a vida e obra do autor baiano, de 15 a 31 de março de 2010. Além de dinheiro, os três primeiros colocados receberão livros do escritor. O regulamento está nos sites dos promotores do concurso.

MANDARIM

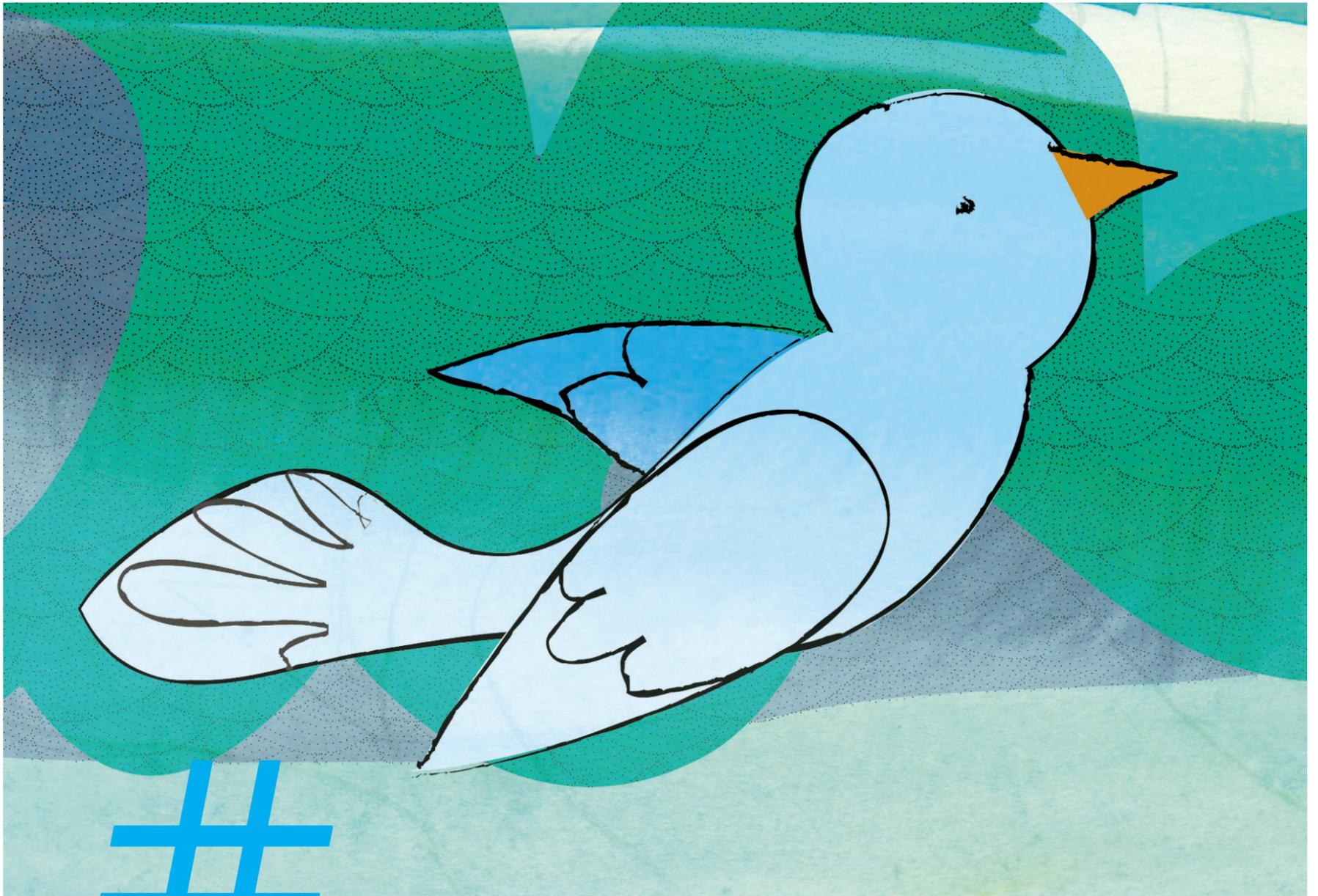
Literatura chinesa traduzida no Brasil

Comemorando um ano do Instituto Confúcio na Unesp, a editora da Universidade Estadual de São Paulo vai lançar em 2010 a tradução de clássicos da literatura chinesa, começando com *Os anacletos de Confúcio*. O Instituto é fruto de convênio com o governo da República Popular da China e a Universidade de Hubei, que vão lançar, em mandarim, *A Formação do império americano*, do cientista político Luiz Alberto Moniz Bandeira.

CRÔNICA

Fabrício Carpinejar

KARINA FREITAS



Por que o Twitter?

Porque o Twitter é a lápide do trivial.

Porque é educado avisar que não estamos no corpo e que já voltamos.

Porque devolvemos os peixes pequenos ao mar.

Porque sou conciso desde que assobie.

Porque deixo reverências ao crepúsculo, que pode vestir árvores.

Porque o palavrão é curto e o medo é rápido.

Porque a preguiça é longa e precisa de poucas palavras.

Porque não sei dizer bom dia sem perguntar o que minha mulher sonhou.

Porque não sei dizer boa tarde sem perguntar o que minha mulher almoçou.

Porque não sei dizer boa noite sem rezar por ela.

Porque o espelho do feio é o retrovisor do carro.

Porque em toda carteira há um vale a ser descontado.

Porque todas as informações importantes cabem num rótulo de cerveja.

Porque a grande obra passa a sensação de ter sido feita num final de semana.

Porque a boa ação me deixa mais envergonhado do que o pecado.

Porque a paixão não tem memória, não vai me prevenir para a próxima.

Porque amar é conhecer desconhecendo.

Porque odiar é desconhecer conhecendo.

Porque o que é bonito assusta, como a tempestade.

Porque um vizinho nunca será seu leitor.

Porque jazigos não podem ser alugados.

Porque meu pai tinha mais segredos no escritório do que janelas.

Porque é um modo de curar a paranoia, realmente estão nos seguindo.

Porque nos perdemos para despistar o passado.

Porque os anéis são a velhice dos brincos.

Porque o gemido é a alegria da dor.

Porque os gatos são câmeras pela casa.

Porque um bilhete de suicida tem que ser escrito todo dia.

Porque quando uma amiga está interessada em mim sente culpa e pergunta sobre a namorada.

Porque olhar é julgar as palavras e perdoar as aparências.

Porque a geladeira vazia tem mais luz.

Porque não nasci o suficiente para emprestar nascimentos.

Porque o samba está numa caixa de fósforos.

Porque não há como chorar sem fungar.

Porque fumar é o telhado do suspiro.

Porque as formigas ruivas são terra transparente.

Porque quando finalmente entender o corpo feminino não terei mais corpo.

Porque a esquina é o cotovelo da rua.

Porque os pássaros desaparecem de noite.

Porque o canto do galo é apenas seu grito dentro do pesadelo.

Porque os filhos podem fechar seu quarto a qualquer hora.

Porque sempre arrumamos uma despedida para festejar o retorno.

Porque um fio de cabelo de outra cor termina um casamento.

Porque guardamos o papel-presente para embrulhar a mudança.

Porque há livros que nunca serão lidos e sempre citados.

Porque o sonho dos pirilampos é dormir de luz apagada.

Porque a humildade do narcisista é conversar com o megalomaníaco.

Porque escrever não é desistir de falar, é empurrar o silêncio para fora.

Porque o romancista pode errar, o poeta deve errar.

Porque não preciso de mim para ser feliz.